

UM ROMANCE DO  PREDADOR DA NOITE

PRAZER DA NOITE

SHERRILYN
KENYON

Tradução de Rita Guerra


Edições
CHÁ DA CINCO
Uma chancela da Saída de Emergência



A Kim Cardascia, pela liberdade de ir além das fronteiras da minha imaginação e a Nancy Yost, por garantir a minha sanidade ao fazê-lo.

Às Ladies of Sanctuary e RBL Romanticans pelas gargalhadas e pelo apoio que me deram, a mim pessoalmente e à série Predador da Noite. Adoro-vos a todas. Obrigada por serem vocês mesmas e por gostarem de narrativas românticas tanto como eu! Para os meus amigos, sem os quais estaria perdida para sempre: Rickey, Lo, Janet, Cathy-Max, Deb, Rebecca e Kim Williamon.

Ao meu marido e aos meus filhos, pela paciência, amor e incrível felicidade que os quatro trazem para a minha vida. E, por fim, mas nem por isso em menor grau, à minha família, por ser uma tão extraordinária fonte de apoio.



Uma antiga lenda grega

NASCIDO na riqueza extrema, Kyrian da Trácia exibia o seu charme e o seu carisma com a mesma força com que exibia a sua espada. Corajoso e destemido, dominava o mundo em seu redor e não conhecia mais do que o lado apaixonado da sua natureza.

Ardente, selvagem e inquieto, vivia no limite. Não conhecia o perigo nem quaisquer limitações. O mundo era seu e tinha jurado desfrutá-lo até às últimas consequências.

Com a força de Ares, o corpo e o rosto de Adónis e os dons sensuais de Afrodite, era desejado por todas as mulheres que o viam. Queriam-no para si, sonhavam possuir o orgulhoso príncipe guerreiro cujo toque, se dizia, era o mais próximo que qualquer mulher alguma vez conseguiria chegar do paraíso.

Mas este não era um homem cujo coração fosse facilmente domado.

Era um homem que vivia o momento, que vivia para os seus sentidos e para a louca satisfação de todos os seus desejos. Amava o prazer, tanto o dado como o recebido.

Pois ele *era* paixão. Desejo. Todas as coisas sensuais e quentes.

Um guerreiro nato, era respeitado e temido por todos os que o conheciam. E, numa altura em que o Império Romano se mostrava invencível, tinha, sozinho, repellido os romanos com uma alegria própria do guerreiro e coberto de riquezas e glória o seu nome e a sua pátria.

Durante algum tempo, disse-se que seria o Senhor do mundo conhecido.

Até que um acto de traição brutal fez dele o Senhor da Noite.
Agora percorre o reino das sombras, entre a Vida e o Submundo.
Nem homem nem besta; ele é algo totalmente diferente.
É Solidão. É Escuridão.
É uma sombra na noite.
Um espírito, inquieto e só, cujo destino é salvar os mortais que o odeiam e temem. Jamais conhecerá o descanso ou a paz até conseguir encontrar a única mulher que não o trairá. O único coração puro capaz de ver para lá do seu lado negro e trazê-lo de volta à Luz.

Capítulo

UM

— **EU** acho que o devemos prender a um formigueiro e atirar-lhe picles.

Amanda Devereaux riu da sugestão de Selena. Só mesmo a sua irmã mais velha para a fazer rir, fosse qual fosse a tragédia. Que era exactamente a razão porque se encontrava sentada em frente à mesa onde Selena lia cartas de *tarot* e palmas das mãos, em Jackson Square, numa fria tarde de domingo, em vez de estar deitada na cama, enterrada nos cobertores até às orelhas.

Ainda a sorrir com a ideia de milhões de formigas a morder o corpo mole e flácido de Cliff, Amanda olhou em volta, para os turistas que, mesmo num monótono dia de Novembro, se apinhavam naquele local histórico de Nova Orleães.

O cheiro a café de chicória quente e *beignets* emanava do *Café du Monde*, do outro lado da rua, enquanto os carros passavam velozes a poucos metros de distância. As nuvens e o céu estavam de um cinzento sinistro que combinava com o soturno estado de espírito de Amanda.

A maior parte dos vendedores ambulantes de Jackson Square não se dava ao trabalho de montar a banca durante o Inverno mas a sua irmã, Selena, achava que a banca de vidente era um tesouro de Nova Orleães, tal como a Catedral de St. Louis atrás delas.

E que belo tesouro era a banca de Selena...

A barata mesa de cartas estava disfarçada com um grosso tecido roxo que a mãe tinha bordado com feitiços “especiais”, conhecidos apenas da sua família.

Madame Selene, a Senhora da Lua, como Selena era conhecida, estava sentada do outro lado, envergando uma larga saia de camurça verde, uma camisola de malha roxa e um grande casacão preto e prata.

A estranha indumentária da irmã contrastava consideravelmente com as calças de ganga gastas, a camisola de malha entrançada cor-de-rosa e um *kispo* castanho-claro que Amanda trazia, mas a verdade é que sempre preferira vestir-se de forma mais discreta. Ao contrário da sua vistosa família, detestava ser notada. Preferia fundir-se com o ambiente que a rodeava.

— Não quero ter mais nada a ver com homens — disse Amanda. — O Cliff foi a última paragem do autocarro para lado nenhum. Estou cansada de desperdiçar o meu tempo e a minha energia com eles. De agora em diante vou centrar toda a minha atenção na contabilidade.

Selena apertou os lábios em sinal de contrariedade enquanto baralhava as cartas de *tarot*.

— Contabilidade? Tens a certeza de que não foste trocada à nascença? Amanda deu uma gargalhada meio sentida.

— Na verdade, tenho a certeza de que fui trocada à nascença. Só gostaria que a minha verdadeira família me reclamasse antes que seja tarde demais e que parte da vossa estranheza passe para mim.

Selena riu, enquanto deitava as cartas do que parecia ser um Jogo de Paciência psíquico.

— Sabes qual é o teu problema?

— Sou demasiado puritana e reprimida — afirmou, usando as palavras que a mãe e as oito irmãs mais velhas usavam para a caracterizar com maior frequência.

— Bem, sim, isso também. Mas eu estava a pensar que precisas de alargar os teus gostos. Pára de andar atrás desses totós engravatados e desinteressantes, que chamam pelas mãezinhas porque não têm vida própria. Tu, maninha, estás a precisar de uma escapadela sexual com um homem que seja capaz de te fazer acelerar o coração. Estou a falar de alguém realmente arrojado e louco.

— Alguém como o Bill? — perguntou Amanda com um sorriso, pensando no marido de Selena, que era ainda mais puritano do que ela.

Selena abanou a cabeça:

— Oh, não! Isso é diferente. Eu sou a pessoa arrojada e louca que o salva do tédio. É por isso que somos perfeitos um para o outro. Equilibramo-nos. Tu não tens equilíbrio. Tu e os teus amigos fazem pender a balança no sentido da Cidade do Tédio.

— E depois? Gosto dos meus homens entediados. São de confiança e não temos de nos preocupar com a possibilidade de sofrerem de surtos de excesso de testosterona. Sou uma rapariga Beta, em tudo!

Selena resmungou, enquanto brincava com as cartas.

— A mim, parece-me que estás a precisar de umas sessões de terapia com a Grace.

Amanda troçou.

— Certo, como se eu precisasse de conselhos sobre a minha vida amorosa de uma terapeuta sexual que casou com um escravo do sexo grego que conjurou a partir de um livro. Não, obrigada.

Apesar das suas palavras, Amanda gostava realmente de Grace Alexander. Ao contrário da normal trupe de amigos loucos da Selena, Grace sempre tivera os pés assentes no chão e sempre fora ditosamente normal.

— Já agora, como é que ela está?

— Ótima. O Niklos começou a andar há dois dias e agora não pára quieto.

Amanda sorriu ao recordar o amoroso bebé louro e a sua irmã gémea. Adorava quando Grace e Julian deixavam que tomasse conta dos pequenos.

— É para quando, o novo bebé?

— Um de Março.

— Aposto que estão entusiasmados — disse Amanda, sentindo uma pontada de inveja. Sempre quisera uma casa cheia de crianças mas, aos vinte e seis anos, as suas hipóteses pareciam desencorajadoras. Ainda mais quando parecia incapaz de encontrar um homem disposto a procriar com uma mulher cuja família parecia completamente louca.

— Sabes — disse Selena com um olhar pensativo, que fazia com que Amanda tremesse —, o Julian tem um irmão que também foi preso num livro por uma maldição. Podias tentar...

— Muito obrigada, mas não! Lembra-te que eu sou aquela que odeia toda esta treta paranormal. Eu quero um macho simpático, normal e *humano*, não um demónio qualquer.

— O Priapo é um deus grego, não um demónio.

— Para mim é a mesma coisa. Acredita, tive a minha dose enquanto vivia em casa, com vocês as nove sempre a lançar feitiços e a fazer todas aquelas magias. O que eu quero na minha vida é normalidade.

— A normalidade é entediante.

— Porque não experimentas antes de criticares?

Selena riu.

— Um dia, maninha, vais ter de aceitar a outra metade do teu sangue.

Amanda ignorou aquelas palavras, enquanto os seus pensamentos se voltavam, uma vez mais, para o ex-noivo. Tinha pensado sinceramente que Cliff era o homem certo para ela. Um técnico de processamento de dados, simpático, sossegado, de aspecto normal, era mesmo aquilo que estava à procura.

Até ele ter conhecido a sua família.

Puf! Durante os últimos seis meses tinha tentado adiar as apresentações, sabendo o que ia acontecer. Mas ele insistira e, na noite anterior, Amanda tinha, por fim, cedido.

Fechando os olhos, Amanda encolheu-se perante a memória da sua irmã gémea, Tabitha, a recebê-los à porta, toda paramentada, com as vestes góticas que usava para perseguir os mortos-vivos. O traje vinha acompanhado de uma besta que Tabitha tivera de lhe mostrar, bem como a sua coleção completa de *shurikens*. «*Este é especial. Pode cortar a cabeça de um vampiro a mais de duzentos e cinquenta metros.*»

Como se isso não fosse o bastante, a mãe e três das suas irmãs mais velhas tinham estado a fazer uma feitiço protector para Tabitha, na cozinha.

Mas o pior foi quando Cliff bebeu, por engano, da chávena de Tabitha, que estava cheia da sua poção fortificante com leite coalhado, molho de tabasco, gemas de ovo e folhas de chá.

Ficara com dificuldade em respirar durante uma hora.

Quando recuperou, Cliff levou-a a casa. «Não posso casar com uma mulher com uma família assim», dissera, enquanto ela lhe devolvia o anel de noivado. «Meu Deus, e se tivéssemos filhos? Já imaginaste o que poderia acontecer se parte daquilo passasse para eles?»

Inclinando a cabeça para trás, Amanda pensou que ainda se sentia capaz de matar a família por aquele embaraço. Seria assim tão difícil para elas serem normais durante um jantar?

Porquê, mas porque é que ela não podia ter nascido numa família normal onde ninguém acreditasse em fantasmas, duendes, demónios e bruxas?

Agora que pensava nisso, duas das irmãs ainda acreditavam no Pai Natal!

Como é que o seu pai, maravilhosamente normal, conseguia suportar todo aquele disparate? Sem dúvida, merecia ser santificado pela sua paciência.

— Olá, malta!

Amanda abriu os olhos e viu Tabitha aproximar-se. *E pronto, já não me faltava mais nada.* O que mais poderia acontecer a seguir? Ser atropelada por um autocarro?

Este dia está a ficar cada vez melhor.

Adorava a sua gémea idêntica, mas não naquele momento. Naquele momento desejava que acontecessem coisas muito vis a Tabitha. Coisas más e dolorosas.

Como sempre, Tabitha estava toda vestida de preto. Calças de cabedal, camisola de gola alta e um casaco de cabedal, comprido. O cabelo es-

pezzo e ondulado, de um castanho-avermelhado escuro, estava preso num longo rabo-de-cavalo e os olhos de um azul-pálido brilhavam. As faces de Tabitha estavam rosadas e andava a passo rápido.

Oh, não! Estava à caça!

Amanda suspirou. Como raios, poderiam ter vindo do mesmo óvulo?

Tabitha levou a mão ao bolso e retirou do interior um pedaço de papel, que colocou em cima da mesa, à frente de Selena.

— Preciso dos teus conhecimentos. É grego, não é?

Sem responder à pergunta, Selena pousou as cartas e olhou para o papel. Franziu o sobrolho.

— Onde é que arranjaste isto?

— Trazia-o um vampiro que matámos a noite passada. O que é que diz?

— «O Predador da Noite está próximo. Desiderius tem de se preparar.»

Tabitha meteu as mãos nos bolsos, pensando naquelas palavras.

— Fazes ideia do que possa significar?

Selena encolheu os ombros enquanto devolvia a folha a Tabitha.

— Nunca ouvi falar nem de um Predador da Noite, nem de um Desiderius.

— O Eric disse que «Predador da Noite» era um nome de código para um de nós. O que é que achas? — perguntou Tabitha.

Amanda já ouvira o suficiente. Pelos deuses, como ela detestava quando começavam com aquela conversa dispatada sobre vampiros, demónios e o oculto. Porque é que não cresciam e começavam a viver no mundo real?

— Olhem — disse Amanda, levantando-se —, vemo-nos mais tarde. Tabitha agarrou-lhe a mão quando ela começava a afastar-se.

— Então, não continuas chateada por causa do Cliff, pois não?

— Claro que sim. Sei que fizeram tudo aquilo de propósito.

Em nada perturbada com o facto de ter sido responsável pelo fim do noivado de Amanda, Tabitha largou-lhe a mão.

— Fizemo-lo para o teu próprio bem.

— Oh, sim! Claro. — Amanda exibiu um sorriso amarelo. — Muito obrigada por tomarem conta de mim. Já agora não me querem vazar um olho, só para se divertirem?

— Vá lá, Mandy — disse Tabitha, com a expressão amorosa que fazia com que o pai lhe perdoasse tudo mas que não teve qualquer efeito sobre Amanda, a não ser irritá-la ainda mais. — Podes não gostar do que fazemos, mas gostas de nós. E não podes casar com um idiota reprimido incapaz de nos aceitar pelo que somos.

— Aceitar-nos!? — perguntou Amanda incrédula. — Não me inclu-

as nessa loucura. Eu sou aquela que tem os genes recessivos normais. Você é que são as...

— Tabby!

Amanda calou-se ao ver o namorado gótico de Tabitha correr na direcção delas. Eric St. James tinha apenas mais dois centímetros e meio do que as duas gémeas, o que, tendo em conta que elas tinham quase um metro e oitenta, não era de estranhar. Tinha uma risca roxa no cabelo preto, curto, que usava espetado. Seria bastante engraçado se não tivesse o nariz furado e se conseguisse, de facto, arranjar e manter um emprego a tempo inteiro.

E se esquecesse a caça aos vampiros. Caramba!

— O Gary tem uma pista em relação àquela matilha de vampiros — disse Eric a Tabitha. — Vamos tentar apanhá-los antes que escureça. Estás pronta?

Se Amanda revirasse os olhos ainda mais para dentro da cabeça, ficaria cega.

— Um dia destes ainda vão acabar por matar um ser humano, a agir desta forma. Lembram-se daquela vez que atacaram o grupo que estava a encenar o *Vampiro Lestat* da Anne Rice?

Eric desdenhou.

— Ninguém se magoou e os turistas adoraram.

Tabitha olhou para Selena.

— Podes investigar isto por mim e ver se consegues descobrir alguma coisa sobre este Desiderius e o Predador da Noite?

— Vamos, Tabby, quantas vezes tenho de te pedir que esqueças isso? — disse Eric irritado. — Os vampiros estão a brincar connosco. «Predador da Noite» não passa de um termo para meter medo que não quer dizer nada.

Selena e Tabitha ignoraram-no.

— Claro — disse Selena —, mas o Gary seria a aposta mais segura.

Eric emitiu um suspiro enojado.

— Ele disse que também nunca tinha ouvido falar disto — Eric olhou para Tabitha com intensidade —, o que significa que não é nada.

Tabitha sacudiu-lhe a mão do ombro e continuou a ignorá-lo.

— Já que está escrito em grego, aposto que um dos teus amigos da Universidade é capaz de saber mais.

Selena acenou.

— Vou perguntar ao Julian, quando for hoje à noite a casa da Grace.

— Obrigada. — Tabitha olhou para Amanda. — Não te preocupes com o Cliff. Conheço o tipo perfeito para ti. Encontrámo-lo pela primeira vez há cerca de duas semanas.

— Meu Deus! — suspirou Amanda. — Não quero mais encontros com desconhecidos arranjados por ti! Ainda não recuperei do último e já se passaram quatro anos.

Selena riu.

— Foi o domador de aligátors?

— Sim — disse Amanda. — Crocodile Mitch, que me tentou dar de comer ao seu bichinho de estimação, a *Big Marthe*.

Tabitha resmungou.

— Não tentou nada. Só estava a mostrar-te o que fazia para ganhar a vida.

— Fazemos assim; no dia em que deixares que o Eric segure a tua cabeça dentro da boca de um aligátor vivo, autorizo-te a comentar. Até lá, sendo eu a especialista em hálito de aligátor, mantenho a minha opinião de que o Mitch só estava a tentar arranjar uns biscoitos de cão mais baratos.

Tabitha deitou-lhe a língua de fora, antes de agarrar na mão de Eric e avançar rapidamente, rua abaixo, com ele a reboque.

Amanda esfregou a testa, enquanto os via a olhar um para outro de forma apaixonada, provando assim que havia alguém perfeito para toda a gente. Por muito bizarra que fosse a pessoa.

Só era pena que ela não conseguisse arranjar ninguém para si.

— Vou para casa, lamentar-me.

— Ouve — disse Selena antes que Amanda conseguisse partir —, porque é que eu não desmarco com a Grace, esta noite, e vamos as duas fazer qualquer coisa? Podíamos fazer um pequenino assado simbólico em memória do Cliff?

Amanda sorriu agradecida pela ideia. Não era de admirar que adorasse a sua família. Apesar do caos, tinham corações grandes que se preocupavam com ela.

— Não obrigada. Posso assar sozinha as salsichas de Viena. Além disso, a Tabitha teria um ataque e morreria se não perguntasses ao Julian sobre o seu Predador da Noite.

— Está bem, mas se mudares de ideias, avisa. Oh! E já que vais para casa, porque é que não telefonas à Tiyana e lhe pedes que lance um feitiço para encolher o pénis do Cliff?

Amanda riu. Está bem, havia alturas em que ter uma grande sacerdotisa vudu como irmã mais velha fazia jeito.

— Acredita, ele não tem que chegue para isso! — Piscou o olho para Selena. — Até logo.

NESSA noite, Amanda saltou quando o telefone tocou, fazendo-a despertar dos seus sonhos acordados. Pousando o livro, atendeu o telefone.

Era Tabitha.

— Olha, mana, podes passar por minha casa e abrir a porta ao *Terminator*?

Amanda cerrou os dentes perante o pedido familiar que lhe era feito, pelo menos, duas vezes por semana.

— Oh, vá lá, Tabby! Porque é que não o fizeste tu?

— Não sabia que íamos estar fora tanto tempo. Por favor. Ele vai-me molhar a cama em sinal de protesto, se não o fizeres.

— Sabes, Tabby, eu tenho vida própria.

— Pois, está bem, como se não estivesses sentada sozinha no sofá, a ler o mais recente romance da Kinley MacGregor e a devorar trufas de chocolate como se não houvesse amanhã.

Amanda levantou o sobrolho, ao olhar para a miríade de papelinhos de trufa espalhados sobre a mesinha de café à sua frente e para o exemplar de *Claiming the Highlander* sobre a mesa de apoio.

Raios, odiava quando as irmãs faziam aquilo.

— Vá lá — implorou Tabitha. — Prometo ser simpática com o teu próximo namorado.

Suspirando, Amanda soube que não conseguia, em verdade, dizer não às irmãs. Era a sua maior fraqueza.

— Ainda bem que só vives ao fundo da rua, senão teria de te matar por causa disto.

— Eu sei! Também te amo.

Com um resmungo preso na garganta, Amanda desligou. Olhou desejosa para o livro. Maldição, estava a começar a entrar na história.

Suspirou. Bem, paciência; pelo menos o *Terminator* far-lhe-ia companhia durante alguns minutos. Era um *pit bull* muito feio mas também era, por ora, o único macho que conseguia suportar.

Agarrou no *kispo* castanho-claro, pousado sobre o cadeirão, e saiu pela porta da frente. Tabitha morava a apenas dois quarteirões e, embora a noite estivesse muito escura e fria, Amanda não sentia vontade de conduzir.

Enfiando as luvas, foi avançando pelo passeio, desejando que Cliff estivesse ali para tratar daquele assunto. Nem conseguia contar as vezes que o tinha levado a passar por casa da irmã, no regresso a casa, para deixar sair o *Terminator*.

Amanda tropeçou num pedaço partido do passeio, quando Cliff lhe entrou no espírito pela primeira vez em várias horas. O que a fazia sentir-se mesmo mal com aquele rompimento era o facto de não sentir a falta dele. Pelo menos, não a sério.

Sentia a falta de alguém com quem falar à noite. Sentia a falta de um

companheiro com quem ver televisão mas não podia, com toda a sinceridade, dizer que sentia a falta *dele*.

E era isso que a deixava mais deprimida.

Se não fosse pela sua família tresloucada talvez tivesse casado mesmo com ele sem descobrir, antes que fosse tarde demais, que não o amava realmente.

A ideia deixou-a mais gelada do que os frios ventos de Novembro.

Afastando Cliff dos seus pensamentos, concentrou-se no que a rodeava. Às oito e meia o bairro parecia estranhamente silencioso, mesmo para uma noite de domingo. Ao avançar pelo velho passeio incerto reparou que havia carros estacionados ao longo da rua e a maior parte das casas estavam iluminadas.

Tudo estava normal e, no entanto, havia algo de sinistro. A lua incompleta pairava bem alto, lançando sombras distorcidas em seu redor. Ocasionalmente escutava o som ténue de risos ou de vozes trazido pelo vento.

Era uma noite perfeita para o mal...

— Sai da minha cabeça — disse em voz alta.

Agora a Tabitha conseguira pô-la a *ela* a fazer aquilo! Caramba!

O que viria a seguir? Daria por si a percorrer o *bayou* com as irmãs mais velhas, à procura de estranhas plantas vudu e aligátors?

Tremendo com tal ideia, chegou, por fim, à sinistra e velha casa de esquina que Tabitha e uma amiga tinham alugado. De um roxo garrido, era uma das casas mais pequenas da rua. Amanda continuava impressionada com o facto de os vizinhos não se queixarem da tonalidade desagradável. Claro que Tabitha a adorava, já que fazia com que fosse muito fácil dar direcções.

«Basta procurar a pequena casa vitoriana roxa com a vedação de ferro preta. É impossível não a ver.»

A não ser que se fosse cego.

Depois de ter aberto o baixo portão de ferro forjado, Amanda percorreu o caminho até ao alpendre, onde uma enorme e sinistra gárgula de pedra montava guarda.

— Olá, Ted — disse à gárgula que Tabitha jurava ser capaz de ler pensamentos. — Só vou deixar sair o cãozinho, está bem?

Amanda retirou as chaves do bolso do casaco e abriu a porta da frente. Entrou no átrio e torceu o nariz, sentindo o mau cheiro libertado por qualquer coisa. Decerto uma das poções de Tabitha tinha corrido mal.

Isso, ou a irmã tinha voltado a tentar cozinhar o jantar.

Ouviu o *Terminator* a ladrar no quarto.

— Já vou — disse ao cão, enquanto fechava a porta, acendia as luzes e atravessava a sala de estar.

Amanda estava a um passo do corredor quando ouviu uma voz dentro da sua cabeça a dizer-lhe que fugisse.

Antes que conseguisse piscar os olhos, as luzes apagaram-se e alguém a agarrou por trás.

— Ora, ora — disse uma voz suave ao seu ouvido. — Até que enfim te apanho, bruxinha. — O homem segurou-a com mais força. — Agora está na altura de te fazer sofrer.

Algo lhe acertou na cabeça, um segundo antes de o chão se erguer na sua direcção.

Capítulo

DOIS

AMANDA acordou com a cabeça a latejar horrivelmente. Sentia-se muito mal.

O que tinha acontecido...

Ficou tensa ao recordar o homem que não conseguira ver.

As suas palavras.

Aterrorizada, tentou levantar-se e depressa percebeu que se encontrava sobre o chão de cimento numa divisão muito pequena e coberta de pó...

Algemada a um louro desconhecido.

Um grito insinuou-se na sua garganta, mas ela reprimiu-o.

Não entres em pânico. Não sem antes estares na posse de todos os factos.

Tanto quanto sabes, a Tabitha está a cumprir a sua ameaça de mais um encontro com um desconhecido, como daquela vez em que te trancou «acidentalmente» no quarto dos arrumos com o Randy Davis, durante três horas.

Ou te “raptou” e atirou para a bagageira do carro com aquele estranho músico.

Tabitha estava constantemente à procura de formas pouco ortodoxas de a obrigar a conhecer tipos diferentes. Embora, para ser justa com a irmã, não fosse costume de Tabitha deixar o homem inconsciente antes de os obrigar a conhecer-se.

Ainda assim, com Tabitha havia uma primeira vez para quase tudo. E encontros radicais com desconhecidos era algo muito Tabitha.

Forçando-se a manter a calma até se encontrar na posse de mais informações, Amanda olhou em volta. Os dois estavam presos numa sala pequena, sem janelas, e apenas com uma porta ferrugenta. Uma porta a que não conseguia chegar sem arrastar o seu “amigo” pelo chão.

Não havia mobília ou qualquer outro objecto. A única luz provinha de uma pequena lâmpada a meio do tecto.

Certo, não se encontrava em perigo imediato.

Ainda longe de se sentir reconfortada, olhou para o corpo ao seu lado. Deitado de costas para ela, o homem estava morto ou inconsciente.

Preferindo a última hipótese, inclinou-se na sua direcção. Parecia ser bastante alto e a posição em que se encontrava parecia indicar que tinha sido atirado para o chão com rudeza.

Com as pernas a tremer, Amanda ergueu-se lentamente sobre os joelhos e passou por cima dele para impedir que o seu braço continuasse torcido.

Ele não se mexeu.

Deixou o olhar percorrer o corpo do homem. A combinação do longo casaco de cabedal preto, das calças de ganga pretas e da camisola preta de colarinho redondo conferiam-lhe uma aparência bastante perigosa, mesmo deitado no chão. Os pés estavam dentro de um par de botas de *motard* pretas com estranhos entalhes prateados nos saltos.

O cabelo louro, ondulado, caía sobre o rosto até ao colarinho levantado do casaco, escondendo-lhe as feições.

— Desculpe — sussurrou ela, aproximando-se para lhe tocar no braço —, está vivo?

Assim que tocou com a mão no músculo duro e seco do seu bíceps, sentiu a respiração vacilar. O corpo prostrado era duro como aço. Não havia nele nada de carnudo. Todo ele era flexibilidade, o poder da força.

Oh, céus!

Antes que se conseguisse conter, Amanda percorreu o braço dele com a sua mão. Que sensação!

Suspirou lenta e aprovadamente.

— Rapaz? Senhor? — tentou de novo, abanando o seu ombro duro e musculoso. — senhor Gótico, importa-se de acordar para que eu me possa ir embora? Não quero ficar num armário com um tipo morto mais tempo do que o necessário, está bem? Vá lá, por favor, não transforme isto numa cena do *Fim-de-semana com um Morto*. Eu sou só uma e você é um tipo muito, *muito* grande.

Ele não se mexeu.

Está bem, vou ter de tentar outra coisa.

Mordendo o lábio, Amanda virou-o de costas. O cabelo caiu para longe do rosto enquanto o colarinho se abria.

Sentiu a respiração prender-se-lhe na garganta. Pronto, agora estava super-impressionada.

Ele era lindo. O maxilar era forte e definido, as maçãs do rosto altas. Os ossos da cara tinham uma estrutura aristocrática e tinha uma pequenís-sima insinuação de cova no queixo.

Caramba, aquele homem possuía um raro tipo de beleza masculina que só poucas mulheres, de *muita* sorte, alguma vez encontraram ao vivo.

Melhor ainda, tinha os lábios mais bonitos que alguma vez vira. Cheios e expressivos, uma boca feita para beijos longos e quentes.

De facto, o único defeito do seu rosto era uma fina cicatriz que corria ao longo do limite inferior do seu maxilar, da orelha até ao queixo.

Podia facilmente rivalizar com o marido de Grace, em termos de beleza física. E Julian, o semideus, era um homem com quem era difícil competir.

Mas, também, Amanda nunca ficara muito impressionada com o aspecto dos homens. Preferia a mente ao corpo. Em especial tendo em conta que a maior parte dos que conhecera nem que fosse com metade daquela beleza, tinham um QI inferior ao tamanho dos seus sapatos.

Ao contrário de Tabitha, era preciso mais do que um traseiro jeitoso e uns ombros largos para lhe dar a volta à cabeça.

Embora...

Amanda percorreu com os olhos o corpo seco e musculoso. No caso deste homem ela talvez estivesse disposta a abrir uma excepção.

Desde que não estivesse morto, claro.

De forma hesitante, estendeu o braço e pousou a mão sobre o pescoço moreno para verificar se tinha pulso. Sentiu o bater forte e pesado do seu coração contra as pontas dos dedos.

Aliviada por ele estar vivo, tentou abaná-lo outra vez.

— Ei, rapaz de cabedal gostoso? Consegues ouvir-me?

Ele gemeu baixinho; depois piscou lentamente os olhos até os abrir. Amanda assustou-se com a visão daqueles olhos. Eram tão escuros que pareciam pretos e quando se concentraram nela, dilataram-se de forma ameaçadora.

Praguejando, agarrou-a pelos ombros.

Antes que Amanda se conseguisse mexer, ele rolou para cima dela, prendendo-a contra o chão, sob o peso do seu corpo, e segurando-lhe os pulsos por cima da cabeça.

Os olhos escuros e cativantes olhavam-na desconfiados.

Amanda não conseguia respirar. Cada centímetro do corpo dele estava intimamente pressionado contra o dela e ficou subitamente consciente de que os braços não eram a única parte do corpo dele que era dura e sólida. Aquele homem era uma parede de músculo seco e forte.

As suas ancas estavam no meio das pernas dela, enquanto o ventre duro e tonificado se encostava contra ela de uma forma que a fez corar. Que a fez sentir quente e excitada. Incapaz de respirar.

Pela primeira vez na vida, quis levantar a cabeça e beijar um homem sobre o qual *nada* sabia.

Quem era ele?

Para seu choque absoluto, ele baixou a cabeça, parou ao lado do seu rosto e inspirou profundamente junto ao seu cabelo.

Amanda ficou rígida.

— Estás a *cheirar-me*?

Uma gargalhada profunda e melodiosa agitou o corpo dele, transmitindo uma estranha vibração ao seu.

— Admirava apenas o teu perfume, *ma fleur* — sussurrou suavemente ao seu ouvido, num sotaque estranho e provocante que a fez derreter. A sua voz era tão profunda que a fazia pensar numa trovoadas e ribombou através dela com um efeito devastador.

Está bem, o homem era incrivelmente sensual e a respiração dele no seu pescoço lançava milhares de arrepios através do seu corpo.

— Tu não és Tabitha Devereaux. — Ele sussurrou aquelas palavras tão suavemente que, embora tivesse a boca encostada à sua orelha, ela teve de se esforçar por ouvi-lo.

Amanda engoliu em seco.

— Conheces a T...

— Chiu — sussurrou ele junto à sua orelha, enquanto lhe acariciava os pulsos presos com os polegares, num ritmo que lançava impulsos eléctricos através do seu corpo.

Os seus seios foram ficando mais tensos, à medida que o desejo a queimava.

Ele aproximou-se mais, tocando-lhe ao de leve com os pêlos do rosto e levando a que mais uma onda de arrepios a consumisse. Nunca na sua vida tinha ela sentido nada de tão excitante como o peso dele, ou cheirado nada tão excitante como aquele perfume picante e másculo.

— Eles estão a ouvir. — suspirou Kyrian, profunda e pensativamente.

Agora que tinha a certeza de que ela não representava uma ameaça, sabia que se devia afastar da mulher debaixo dele e, no entanto...

Já há muito tempo que não se deitava entre as coxas de uma mulher. Uma eternidade se passara desde a última vez em que se atrevera a ficar assim

tão próximo de alguém. Tinha esquecido a quente suavidade dos seios pressionados contra o seu seio. A sensação do bafo quente e doce no seu pescoço.

Mas agora que ela estava por baixo dele...

Oh, sim! Recordava-se. Recordava-se do que era sentir as mãos de uma mulher a percorrer as suas costas nuas. A sensação de ver uma mulher contorcer-se perante o seu toque experiente.

Por um minuto, Kyrian perdeu-se de facto naquelas sensações, enquanto imaginava que retirava as roupas de ambos e explorava as suas curvas de forma muito mais intensa.

E *muito* mais íntima.

Fechou os olhos ao pensar na sua língua sobre o seio dela, a brincar com o seu mamilo inchado, enquanto ela enterrava as mãos no seu cabelo.

Ela agitou-se debaixo dele, aumentando ainda mais a sua fantasia.

Hum...

Claro que, se alguma vez descobrisse o quê e quem ele era, empalideceria de terror. E se fosse minimamente parecida com a irmã, atacá-lo-ia até que um dos dois estivesse morto.

Uma pena, realmente. Mas também, já estava habituado a que as pessoas tivessem medo dele. Era a maldição e a salvação da sua raça.

— Quem é que está a ouvir? — sussurrou ela.

Abrindo os olhos, absorveu o som daquela voz calma e melodiosa. Como ele gostava do suave e arrastado sotaque do sul e o desta mulher parecia rolar-lhe na língua como seda fina.

Contra a sua vontade de ferro, sentiu o corpo agitar-se traiçoeiramente em resposta ao dela. Dentro de si aumentava a necessidade de provar aqueles lábios cheios e entreabertos, enquanto lhe afastava mais as coxas e se enterrava ainda mais no seu calor.

Oh sim, ele podia saborear aquela mulher!

Toda ela.

Afastou-se um pouco para estudar melhor o seu rosto. O cabelo castanho-escuro estava mesclado de madeixas avermelhadas que captavam a luz. Os olhos profundos e azuis mostravam a sua confusão, a sua fúria e o seu espírito. Estavam enquadrados por um rosto encantador, com um único sinal logo abaixo do olho direito. Apenas essa marca a distinguia da irmã.

Isso e o cheiro.

Tabitha usava perfumes caros que esmagavam os seus sentidos altamente desenvolvidos, enquanto esta mulher cheirava a rosas e a suavidade.

Kyrian desejou-a de forma tão exigente que o deixou momentaneamente atordoado. Tinham-se já passado vários séculos desde a última vez que sentira tamanho desejo por uma mulher.

Séculos desde a última vez que sentira o que quer que fosse.

Amanda sentiu o rosto arder, quando a erecção dele se encostou de forma perturbadora contra a sua pélvis. O homem podia não estar morto, mas estava, sem dúvida, rígido. E não tinha *nada* a ver com *rigor mortis*.

— Olha lá, pá, acho mesmo que tens de arranjar um outro local para descansar!

O olhar dele prendeu-se, sequioso, aos seus lábios e ela viu o desejo cru no fundo daqueles olhos escuros como a noite. O maxilar dele rete-sou-se rigidamente, como se lutasse contra si mesmo.

O seu poder masculino e a sua sexualidade aberta dominaram-na.

Ali deitada, por baixo dele, compreendeu como era vulnerável aos seus olhos. E como desejava provar aqueles lábios bem desenhados.

Esse pensamento assustou-a e excitou-a, ao mesmo tempo.

Ele piscou os olhos e sobre o seu rosto caiu um véu que escondia dela o seu estado de espírito. Depois libertou-a.

Quando se afastou, Amanda viu o sangue na camisola cor-de-rosa.

— Oh, meu Deus! — exclamou. — Estás a sangrar?

Ele respirou fundo e sentou-se ao seu lado.

— A ferida há-de sarar.

Amanda nem podia acreditar no tom despreocupado. Tendo em conta a quantidade de sangue nas suas roupas, diria que ele estava seriamente ferido e, no entanto, ele não mostrava qualquer sinal disso.

— Onde é que estás ferido?

Ele não respondeu. Em vez disso, passou a mão esquerda pelo cabelo castanho-claro. Parou para olhar para as grandes algemas prateadas que prendiam o seu pulso direito, depois começou a agitá-las furiosamente.

A luz mortal e fria nos seus olhos permitia que Amanda percebesse que as algemas o incomodavam ainda mais do que a ela.

Agora que ele estava acordado e que saíra de cima dela, Amanda sentiu-se chocada pela expressão soturna das suas feições. Havia algo de terrivelmente romântico e irresistível naquele rosto.

Algo heróico.

Com demasiada facilidade conseguia imaginá-lo a envergar os trajes de um libertino do período da Regência ou de um cavaleiro medieval. As suas feições clássicas tinham uma qualidade indefinível que parecia estranhamente desenquadrada do mundo moderno.

— Ora, ora — disse uma voz sem corpo. — O Predador da Noite acordou.

Amanda reconheceu aquela voz maléfica como sendo a da pessoa que a agredira em casa de Tabitha.

— Desi, querido — disse o homem ao seu lado, num tom de des-

prezo, enquanto olhava para as paredes castanhas. — Continuas a fazer os teus joguinhos, pelo que vejo. Porque é que não és um pequeno *daemon* simpático e te mostras?

— Tudo a seu tempo, Predador da Noite, tudo a seu tempo. Sabes, não sou como os outros que correm e se escondem do grande lobo mau. Eu sou o lenhador grande e mau que executa o lobo.

A voz sem corpo fez uma pausa para efeito dramático.

— Tu e a Tabitha Devereaux têm sido incansáveis na vossa perseguição aos meus irmãos e é chegada a hora de conhecerem o medo. Quando eu tiver acabado com os dois, estarão a implorar-me para que vos deixe morrer.

O Predador da Noite baixou a cabeça e riu.

— Desi, meu querido, nunca na vida pedi e mais depressa o Sol se partirá em mil pedaços do que implorarei o que quer que seja a alguém como tu.

— *Hybris* — disse Desi. — Como adoro castigar esse crime.

O Predador da Noite levantou-se e Amanda viu a ferida no seu flanco. A camisa estava ligeiramente rasgada e o sangue manchava o chão no local onde ele estivera sentado.

Mas ele não parecia reparar no ferimento.

— Diz-me, gostas das tuas algemas? — perguntou Desi. — Essas grilhetas provêm das fornalhas de Hefesto. Só um deus ou uma chave cunhada por Hefesto as podem abrir. E como os deuses te abandonaram...

O Predador da Noite olhou em redor da divisão. O olhar feroz que tinha estampado no rosto teria assustado o próprio Diabo.

— Vou gostar tanto de te matar.

Desiderius riu.

— Duvido que tenhas hipótese de o fazer quando a tua amiguinha descobrir o que és.

O Predador da Noite lançou a Amanda um olhar que dizia que devia manter a sua identidade em segredo. Não que ela precisasse do aviso. A última coisa que faria seria trair a irmã.

— Foi por isso que nos acorrentaste juntos? — perguntou o Predador da Noite. — Querias ver-nos lutar?

— Oh, não! — disse Desiderius. — Isso nada tem a ver com o meu plano. Se se matarem um ao outro, por mim tudo bem, mas o que pretendo é libertar-vos de madrugada. O Predador da Noite está prestes a tornar-se a presa, entendes? E eu vou gostar *muitíssimo* de te perseguir e fazer sofrer. Não há local algum onde te possas esconder, sem que eu te encontre.

O Predador da Noite sorriu com desdém.

— Achas-te capaz de me caçar?

— Oh, sim! Acho, sim. Sabes, conheço a tua fraqueza ainda melhor do que tu.

— Não tenho nenhuma fraqueza.

Desiderius riu.

— Falas como um verdadeiro Predador da Noite. Mas todos nós temos o nosso calcanhar de Aquiles, em especial aqueles que servem Ártemis. Tu não és excepção.

Amanda podia jurar que quase conseguia ouvir Desiderius a lambem os lábios de satisfação.

— A tua maior fraqueza é a tua nobreza. Essa mulher odeia-te e, contudo, não a matarás para garantir a tua segurança. Enquanto ela te tenta matar, protegê-la-ás de mim com a tua vida. — Desiderius riu maldosamente. — Não consegues resistir a um humano em perigo, pois não?

— Desi, Desi, Desi — disse o Predador da Noite abanando a cabeça. — O que é que hei-de fazer contigo?

— Não te *atrevas* a usar esse tom irreverente comigo!

— Porque não?

— Porque eu não sou um demoniozinho assustado que vai fugir de ti aterrorizado. Eu sou o teu pior pesadelo.

O Predador da Noite troçou.

— Tens mesmo de recorrer a clichés? Vá lá, “Desidesastre”, não consegues pensar em nada mais original do que esse diálogo tirado de um filme de série B?

Um rosnado furioso ecoou pela divisão.

— Pára de gozar com o meu nome.

— Desculpa, tens razão. O mínimo que posso fazer é mostrar-te algum respeito antes de te exterminar.

— Oh, tu não me vais *exterminar*, Predador da Noite! Desta vez serás tu a morrer. Já pensaste bem como ela te vai atrasar? Já para não falar na existência dos seus amiguinhos. Vão-te cair em cima como uma matilha de cães selvagens. Se eu fosse a ti, rezava por isso. Nunca conhecestes sofrimento igual ao que te vou infligir da próxima vez que nos juntarmos.

Com os lábios apertados numa linha estreita, o Predador da Noite sorriu perante as ameaças de Desiderius.

— Sobrestimas consideravelmente as tuas capacidades.

— Veremos.

Amanda ouviu o som de um microfone a ser desligado.

O Predador da Noite atirou-se de novo às algemas.

— Vou matar aquele dejecto de um filme de terror.

— Hei, hei, hei! — disse Amanda, enquanto ele atirava o braço dela

de um lado para o outro, tentando libertar-se. — Esse braço *está* preso a qualquer coisa!

Ele parou e olhou para ela, de cima. O olhar suavizou-se.

— Gémeas. Nunca lhe ocorreu. Fazes alguma ideia de onde está a tua irmã?

— Nem sequer sei onde é que *eu* estou ou que horas são. Já agora, nem sequer sei o que é que se está a passar aqui. Quem és tu e quem é aquele tipo? — Depois baixou a voz e acrescentou. — Ele consegue ouvir-nos?

Kyrian abanou a cabeça.

— Não, o canal do microfone está fechado. Por agora anda a planear a sua vingança igoresca. Não sei como é contigo, mas na minha mente tenho uma imagem dele a esfregar as mãos e a rir como o Dexter, do *Dexter's Laboratory*.

Kyrian parou um minuto para a estudar. Ela não parecia histérica... ainda, e ele queria que as coisas continuassem assim. Dizer-lhe que Desiderius era um *daemon* que sugava almas e que estava atrás da sua irmã, não parecia a melhor forma de o conseguir.

Claro que, tendo em conta a queda da irmã para caçar vampiros, isso não deveria ser uma grande surpresa.

Fechando os olhos, entrou na mente dela e confirmou as suas suspeitas. Sentiu nela uma dose saudável de medo.

Ao contrário da irmã, Tabitha, não era dada a conclusões precipitadas mas estava curiosa e furiosa em relação à situação. Era possível que lhe pudesse dizer tudo sem a assustar, mas o seu lado de Predador da Noite preferia dizer-lhe apenas o que ela precisava mesmo de saber.

E naquele momento tudo o que precisava de saber era o mínimo indispensável. Com alguma sorte talvez conseguisse libertá-los sem ter de revelar mais nada sobre si.

— Chamam-me Hunter — disse com solenidade. — E *aquele* tipo é o homem que quer magoar a tua irmã.

— Obrigada, mas até aí já eu percebi. — Amanda franziu o sobrolho. Devia estar assustada com tudo aquilo, mas não estava. A raiva era demasiado grande. Só ela para se deixar envolver na vida louca da irmã.

Na verdade, estava contente por a terem apanhado a ela, por engano, já que Tabitha iria, sem dúvida, realizar uma qualquer proeza *kamikaze* e fazer com que a matassem.

Olhou para o Predador da Noite e franziu ainda mais a testa. Como é que ele sabia da Tabitha? Já agora, como é que tinha sido capaz de as distinguir quando até a mãe delas tinha, por vezes, dificuldade?

— És um dos amigos da minha irmã?

Ele olhou para ela de forma inexpressiva, antes de a ajudar a levantar-se.

— Não — disse, enquanto batia no peito, nas ancas, no traseiro e nas pernas.

Amanda tentou não reparar como o seu corpo era incrivelmente tonificado, enquanto a sua mão era arrastada atrás da dele. Mas quando lhe tocou o interior da coxa, pensou que ia gemer.

Aquele homem tinha sido feito para o sexo e para a velocidade. Que pena não ser do tipo dela. Para dizer a verdade, ele era a antítese absoluta de tudo o que ela achava digno de desejo num homem.

Não era?

Kyrian praguejou.

— Claro, ele tem o meu telefone — resmungou, antes de a guiar até à porta.

Depois de ter experimentado a maçaneta, analisou as dobradiças.

Quando desapertou a bota esquerda e a tirou, Amanda arqueou uma sobrancelha.

— O que é que estás a fazer? Vais dar um mergulho?

Ele olhou-a com um sorriso convencido, antes de se inclinar para apanhar a bota do chão.

— Estou a tentar tirar-nos daqui. E tu?

— Estou a tentar não ficar irritada contigo.

Uma expressão de divertimento brilhou-lhe nos olhos; depois voltou a atenção para a porta.

Amanda observou atenta, enquanto ele pressionava uma das gravações prateadas no salto da bota e da biqueira saía uma lâmina de vinte e dois centímetros. Ele era, sem dúvida, do tipo da Tabitha. Perguntou-se se não teria também *shurikens* escondidos nos bolsos.

— Uuuuuuh! — comentou secamente. — *Muito assustador!*

Ele olhou para ela divertido.

— Querida, ainda não viste nada de assustador.

Amanda sorriu perante o seu comportamento de homem duro, à Ford Fairlane, e resfolegou de forma nada feminina.

Kyrian ignorou-a. Usando a lâmina dentada tentou soltar as dobradiças ferrugentas.

— Vais partir essa lâmina, se não tiveres cuidado — avisou-o ela.

Ele olhou para ela com uma expressão de espanto.

— Nada na terra poderia partir esta lâmina. — Cerrou os dentes enquanto batia com o punho na bota. — Tal como nada na terra parece capaz de fazer mover esta fechadura.

Continuou a tentar durante mais alguns minutos.

— Raios — resmungou, quando a dobradiça se recusou a mexer.

Retraiu a lâmina, depois baixou-se para voltar a calçar a bota. A parte de trás do casaco abriu-se com os seus movimentos, permitindo a Amanda uma bela visão do seu corpo.

Oh, sim, *belo* traseiro!

A boca de Amanda ficou seca, quando o homem se endireitou, revelando o seu metro e noventa e cinco de altura.

Ena, ena, ena.

Pronto, tinha de retirar o que dissera. Ele tinha uma qualidade que ela achava irresistível. A altura. Sempre tinha adorado qualquer homem que fosse mais alto do que ela. E, com aquele tipo, podia facilmente usar saltos de sete centímetros sem ofender o seu ego masculino.

Ele erguia-se acima dela.

E ela gostava disso.

— De onde conheces a minha irmã? — perguntou, tentando manter os pensamentos concentrados na questão que tinham em mãos e não no quanto gostaria de provar os lábios dele.

— Conheço-a porque ela não pára de se atravessar no meu caminho. — Agarrou-se uma vez mais às algemas. — Porque é que vocês, humanos, sentem essa necessidade incessante de mexerem em coisas que deviam deixar quietas?

— Eu não mexo... — A sua voz perdeu-se, enquanto aquelas palavras penetravam na sua mente. — Vocês *humanos*? Porque haverias de dizer uma coisa dessas?

Ele não respondeu.

— Ouve — disse ela, erguendo o braço, para lhe mostrar as algemas. —, por hora estou presa a ti e quero uma resposta.

— Não queres, não.

Foi a gota de água. Odiava homens alfa, da pior forma possível. Aquelles tipos dominantes, do género “eu é que sou o homem, por isso deixa-me guiar, querida”, davam-lhe náuseas.

— Está bem, machãozinho — disse ela irritada. — Eu não sou uma tolinha que bate as pestanas a um qualquer garanhão inchado, vestido de cabedal preto. Escusas de usar as tuas tácticas de *He-man* comigo. Para que saibas, no escritório chamam-me “quebra-bolas”.

Kyrian franziu o sobrolho.

— “Machãozinho”? — repetiu, descrente.

Nunca antes, durante a sua longa vida, alguém tinha tido a coragem para lhe fazer frente. Enquanto mortal, fizera exércitos romanos inteiros fugir, absolutamente aterrorizados pela sua simples chegada. Poucos homens alguma vez se tinham atrevido a olhá-lo nos olhos.

Enquanto Predador da Noite fizera legiões de *daemon* e *apollite* tremem, com a sua presença. O seu nome era sussurrado com assombro e reverência e aquela mulher chamara-lhe...

— “Garanhão inchado, vestido de cabedal preto” — repetiu em voz alta. — Acho que nunca fui tão insultado.

— Então deves ser filho único.

Hunter riu. Na verdade tivera, outrora, três irmãs mas nenhuma delas se atrevera alguma vez a insultá-lo.

Percorreu-a com o olhar. Ela não era de uma beleza clássica mas havia uma qualidade exótica nos seus olhos amendoados que lhe davam um charme feérico.

O seu cabelo comprido cor de mogno estava solto, caído sobre os seus ombros esguios. Mas o mais cativante eram os seus olhos azuis. Quentes e inteligentes, estavam pousados agora sobre ele, com malícia.

Ele corou ligeiramente, tornando os olhos um pouco mais escuros. Apesar do perigo em que se encontravam, perguntou-se qual seria o aspecto dela, depois de uma noite de sexo cru e extenuante. Podia imaginar os seus olhos escuros de paixão, o cabelo em desordem, as maçãs do rosto vermelhas do contacto com os pêlos do seu rosto e os lábios húmidos e inchados dos seus beijos.

A imagem fez com que todo o seu corpo ardesse.

Até que Kyrian sentiu o familiar arrepio na parte de trás do pescoço.

— Vai amanhecer em breve.

— Como é que sabes?

— Sei, mais nada. — Puxou-a para a esquerda e começou a examinar as paredes cobertas de ferrugem, em busca de uma oportunidade para fugir. — Assim que formos soltos vamos ter de encontrar uma forma de nos libertarmos destas algemas.

— Que bom teres reparado no óbvio. — Amanda olhou para o corpo dele e viu a ferida irregular, através do tecido rasgado. — Precisas mesmo de tratar disso.

— Deus nos livre que eu sangue até à morte, não é? — perguntou sarcasticamente. — Depois tinhas de arrastar o meu cadáver podre.

Ela franziu o nariz, enojada.

— Não podias ser mais mórbido do que isso. Bolas! Quem era o teu ídolo enquanto crescias? O Boris Karloff?

— Na verdade, era o Aníbal.

— Estás a tentar assustar-me, não estás? — perguntou ela. — Bem, não vai resultar. Cresci numa casa com um *poltergeist* furioso e duas irmãs que costumam conjurar demónios só para poderem lutar com eles. Já vi de tudo, e o teu humor de cada falso não funciona comigo.

Antes que ele percebesse o que ela estava a fazer, Amanda agarrou-lhe na ponta da camisola e levantou-a.

Ela imobilizou-se perante a imagem do seu ventre nu. Era magro, duro, direito e tinha os abdominais marcados de forma que faria inveja a qualquer ginasta. Mas o que a fez prender a respiração foi o número de cicatrizes que cobriam a sua carne.

Pior, viu a terrível ferida no seu flanco, que corria ao longo da costela inferior.

— Meu Deus, o que é que te aconteceu?

Ele baixou a camisola com um movimento rápido e deu um passo para trás.

— Se estavas a falar das cicatrizes, precisaria de vários anos para as explicar a todas. Se estavas a falar da ferida, foi feita por um *apollite* de treze anos que confundi com uma criança a precisar de ajuda.

— Caíste numa armadilha?

Ele encolheu os ombros.

— Não foi a primeira vez.

Amanda engoliu em seco, enquanto o percorria com o olhar. Rodeava-o uma aura de perigo e morte. Movia-se como um predador, astuto e gracioso, e aqueles olhos...

Pareciam capazes de ver para além do que os rodeava. Aqueles olhos maldosos pareciam possuir um brilho etéreo e inexplicável.

E faziam com que ela deixasse de respirar de cada vez que ele a olhava.

Nunca vira um homem louro com olhos como aqueles. Nem nunca vira um homem tão incrivelmente belo. As suas feições eram bem desenhadas e perfeitas.

Exalava uma sexualidade que quase não era natural. Já vira bastantes homens tentarem o melhor que podiam projectar aquilo que a natureza tinha dado àquele em quantidades exorbitantes.

— O que é um Predador da Noite? — perguntou ela. — É tipo *Buffy, a Caçadora de Vampiros*?

Ele riu com a comparação.

— Sim, sou uma jovem adolescente emancipada que anda por aí a lutar contra vampiros, sem tirar os brincos que eles me arrancariam e enfiariam pelo...

— Eu sei que não és uma rapariga. Mas o que é um Predador da Noite?

Ele suspirou enquanto a guiava ao redor da divisão, olhando para as paredes como se procurasse uma porta secreta.

— Em resumo, executo as coisas que fazem barulho durante a noite.

Aquelas palavras lançaram-lhe um arrepio pela espinha e, no entanto, ela tinha a sensação de que havia mais para lá daquela simples explicação. Ele parecia mortífero mas não retorcido, nem mesmo cruel.

— Porque é que queres matar o Desiderius?

Ele olhou para ela de relance antes de voltar a tentar abrir a porta, uma vez mais. Puxou com tamanha força a maçaneta que ela ficou surpresa por não a ter arrancado.

— Porque ele não só mata os humanos como lhes rouba a alma.

Ela ficou tensa com as suas palavras.

— Ele pode fazer isso?

— Disseste que já tinhas visto de tudo — disse ele, em tom de gozo.
— Diz-me tu.

Amanda queria apertar-lhe o pescoço. Nunca na sua vida tinha conhecido um homem tão arrogante e capaz de a tirar do sério.

— Porque é que sou sempre arrastada para esta palermice sobrenatural? — resmungou. — Será demasiado pedir um dia normal?

— Raramente a vida é o que queremos que seja.

Ela franziu o sobrolho ao ouvir tais palavras e a estranha entoação em que foram pronunciadas.

Kyrian inclinou a cabeça e levantou a mão em sinal de que ela devia ficar calada.

Do nada, a maçaneta fez um clique.

— Truz, truz — disse Desiderius. — Têm o dia para se esconderem. Quando a noite cair, nós saímos para a caça.

— Sim, sim — disse Hunter. — Tu e os teus cãezinhos, também.

O seu tom displicente espantou-a. As palavras aterrorizadoras não tinham qualquer efeito sobre ele.

— Não tens medo das suas ameaças?

Ele olhou para ela secamente.

— *Chère*, o dia em que eu tiver medo de alguém como ele, será o dia em que me deitarei aos seus pés e lhe entregarei a faca para que arranque o meu coração. O único medo que tenho é o de não te conseguir levar até à tua irmã e convencer a Grande Rainha Cabeça Dura a deixar este assunto em paz até que eu consiga localizar o Desiderius e mandar a sua alma para o nada, onde pertence.

Apesar do seu desejo e do perigo em que se encontravam, Amanda riu daquelas palavras.

— A Grande Rainha Cabeça Dura? Conheces bem a Tabitha.

Ele ignorou o comentário, enquanto a protegia cuidadosamente com o seu corpo; depois abriu lentamente a porta. Fez uma pausa para olhar à sua volta.

Do lado de fora havia um corredor estreito, com grandes janelas cobertas de pó que mostravam o nascer do Sol.

— Raios — resmungou Hunter baixinho, dando um passo para trás, para o interior da divisão.

— O que é? — perguntou ela, o coração batendo descompassado com o susto. — Está alguém lá fora?

— Não.

— Então vamos. — Avançou para a porta.

Ele não se mexeu.

Cerrando os dentes, olhou pelo corredor uma vez mais e disse qualquer coisa numa língua que ela não compreendia.

— Qual é o problema? — perguntou ela. — É de madrugada e não está aqui ninguém. Vamos embora.

Ele respirou fundo, decepcionado.

— O problema não são as pessoas. O problema é o Sol.

— E o problema do Sol é...?

Ele hesitou durante alguns segundos, depois abriu a boca e passou a língua pelos dentes caninos, longos e *pontiagudos*.

Capítulo

TRÊS

O SENHOR “Trata de mim, Homem Lindo” é um vampiro!

— Oh, não! Não, não! — Todo o corpo de Amanda tremeu de terror e necessitou de todo o autocontrolo que possuía para não começar a gritar num ataque histérico. — Vais-me sugar o sangue?

Ele arqueou uma sobrancelha num gesto sardónico.

— Pareço-me com um advogado?

Ela ignorou o sarcasmo.

— Vais-me matar?

Com o rosto inexpressivo, Hunter suspirou irritado.

— Se eu quisesse matar-te não achas que já estarias morta?

Deu um passo na sua direcção e dirigiu-lhe um sorriso seco e diabólico que ela sabia ter por objectivo assustá-la. E, caramba, como funcionou!

Ergueu a mão livre para tocar a pele do seu pescoço, na zona da jugular. O toque, leve como uma pena, fê-la arrepiar.

— Agora que penso nisso, podia sugar-te até secares, depois roía a tua mão com as minhas presas e ficaria livre.

Os olhos dela abriram-se numa expressão de terror.

— Mas, para tua sorte, também não tenciono fazer isso.

— Não sejas sarcástico, está bem? — sussurrou ela, o coração ainda a bater acelerado por não ter a certeza se ele estava a brincar com ela ou se iria, de facto, tornar-se macabro e alimentar-se do seu sangue. — Não consigo lidar com isso. Imagina que estavas no meu lugar. Só fui abrir a porta ao cão da Tabitha para que ele não lhe sujasse a cama. De repente estava

a levar uma pancada na cabeça e ser acorrentada a um vampiro. Desculpa-me se estou um pouco esquisita, de momento.

Para seu espanto, ele baixou a mão e afastou-se.

— Tens razão. Imagino que não estejas habituada a ser atacada sem razão aparente.

Pelo seu tom de voz ela pôde perceber que ele, por seu lado, estava bastante acostumado a dar por si no meio de tais situações.

Ele dirigiu-lhe um sorriso, de lábios apertados, que não lhe chegou realmente aos olhos.

— Se te faz sentir melhor, não me alimento de humanos.

Por alguma razão, ouvi-lo dizer aquilo fez, de facto, com que se sentisse melhor. Não que ela acreditasse. Mas ainda assim era algo reconfortante.

— Então és como o Angel¹?

Ele revirou os olhos.

— Vês televisão a mais — murmurou. Depois mais alto, disse — O Angel tem alma, eu não.

— Agora voltaste a ser assustador.

A expressão no seu rosto reiterava as suas palavras anteriores: *Querida, ainda não viste nada de assustador.*

Voltou a olhar para a porta.

— Muito bem. Vamos ter de correr, antes que o Sol suba ainda mais.

Hunter lançou a Amanda um olhar penetrante.

— O principal problema é que não sei onde termina este corredor. Na eventualidade de acabar num local aberto e de eu sofrer uma morte particularmente agonizante, entrando em combustão espontânea, preciso que me faças um favor.

— Um favor? — perguntou ela, incrédula.

O homem tinha um considerável par de *cojones*. Intimidava-a, ameaçava-a e depois atrevia-se a pedir-lhe um favor?!

— Claro, porque não? — disse ela.

Tirou o anel que usava na mão direita e entregou-lho.

— Preciso que o leves e procures uma árvore.

Amanda franziu o sobrolho ao anel que segurava. O ouro estava gasto e riscado em vários locais como se tivesse sido muito maltratado. Ou antes, como se a mão que o usava tivesse sofrido muitos danos.

A parte de cima do anel estava coberta de rubis lisos e funcionava como base do desenho de uma espada de diamantes rodeada por folhas de louro em esmeralda, encimado por uma coroa de safiras. Podia ver que se tratava de uma valiosa antiguidade.

¹ Personagem de série televisiva *Buffy, a Caçadora de Vampiros* (N. da T.).

Porque lho confiava ele?

Sem saber o que pensar, colocou o anel no bolso das calças de ganga.

— Qualquer árvore? — perguntou.

— Qualquer árvore. Depois diz as palavras «Ártemis, convoco-te para a forma humana.»

— Ártemis...

Ele tapou-lhe a boca com a mão.

— Por amor de Zeus, não o digas enquanto eu não tiver desaparecido. Depois de pronunciares as palavras, espera que apareça uma mulher ruiva e alta e diz-lhe que precisas de protecção em relação ao Desiderius.

Amanda arqueou uma sobrancelha.

— Queres que convoque uma deusa para me proteger?

— Se não o fizeres, ele apanhar-vos-á, a ti e à tua irmã.

— Porque é que te preocupas?

— A minha função é proteger todos os homens dos *daemon*. É isso que faz um Predador da Noite. — Embora a expressão do seu rosto fosse dura, havia algo nos seus olhos que lhe dizia que ele não lhe estava a contar tudo.

— O que são *daemon*? — perguntou ela.

— São vampiros cheios de esteróides que se julgam deuses. Agora promete-me que o farás.

Porque não? Tratava-se de um estranho pedido, mas também, tendo em conta que estava algemada a um vampiro, quem era ela para dizer o que era ou não era estranho?

— Está bem.

— Ótimo. Agora, vamos correr!

Antes que ela pudesse protestar, ele pegou na algema sobre o seu pulso e correu porta fora, virando à direita e descendo o corredor.

Enquanto corriam ao longo do chão ferrugento, Amanda compreendeu que se encontravam no interior de uma qualquer fábrica abandonada.

No fim do corredor, havia escadas que desciam.

Hunter puxou-a atrás dele até terem chegado ao fim das escadas, que se abriam para um enorme divisão vazia, cujo pavimento estava cimentado. As velhas paredes de aço estavam rachadas e os raios do Sol nascente passavam através delas.

O Predador da Noite recuou para as sombras, para longe da luz do Sol. O seu rosto parecia um pouco escaldado do Sol, mas no geral não parecia ter sofrido muito com a louca corrida.

— E agora? — perguntou ela, enquanto tentava recuperar o fôlego.

O Predador da Noite nem sequer ofegava. Mas o seu olhar era um pouco quente demais, ao fitar os seios dela com interesse.

Amanda cruzou os braços sobre o peito.

Pela primeira vez, testemunhou um verdadeiro sorriso ao compreender como a mão dele ficara perigosamente perto do seu seio. Tão perto que as pontas dos dedos lhe tocaram ao de leve no mamilo, lançando o fogo através das suas veias.

De imediato, deixou os braços caírem ao longo do corpo, enquanto o sorriso dele a atormentava. Embora de lábios apertados e diabólico, não deixava de ser devastador. O divertido brilho nos seus olhos era de cortar a respiração e as suas feições suavizaram-se, adquirindo um charme pueril capaz de derreter o coração de todas as coisas femininas.

Ele olhou em redor da fábrica vazia.

— Agora desejava ter um telemóvel ou uma rede de metro. Sabia que devia ter aceite a vaga em Nova Iorque.

Confusa, Amanda olhou para ele.

— Vaga? O quê? Caçar é um trabalho a sério?

— Sim. Até me pagam para o fazer.

— *Quem é que te paga?*

Em vez de responder, ele ergueu a mão pedindo silêncio num gesto que começava a irritá-la, sendo a principal razão o facto de parecer pressagiar problemas. E ela estava cansada de se ver em problemas destinados a Tabitha.

Dois segundos depois, ouviu algo a andar no exterior. Hunter puxou-a ainda mais para as sombras, junto dele, enquanto escutavam. Tinha o braço livre a envolver-lhe o ombro, prendendo-a ao seu corpo.

Amanda ficou absolutamente imóvel enquanto as costas se uniam plenamente ao peito dele e uma onda de desejo inadequado a rasgava. O calor del aqueceu-a e a sua aura de poder, cru e masculino, esmagou-a. Ainda mais perturbador, o cheiro acolhedor a cabedal e sândalo invadiu a sua cabeça.

Ela desejava aquele homem.

És doída ou quê? O tipo é um vampiro!

Sim, mas é um vampiro mesmo, mesmo sexy.

Kyrian não conseguia respirar com ela tão próximo de si. Os seus sentidos acentuados faziam com que todo o seu corpo estivesse consciente do dele. Ouvia o bater do seu coração acelerar, sentia a secura da sua garganta mas, o que era pior, sentia o gosto do seu desejo.

Tudo isso estimulou ainda mais o seu apetite por ela. E recordou-o das razões por que se esforçara por se manter afastado das mulheres tanto quanto possível.

Maldito sejas, Desiderius.

Porque, naquele momento, era difícil recordar-se de que não a podia ter. E era ainda mais difícil esquecer o seu cheiro. A forma como se

movia, qual bailarina confiante. O seu corpo esguio era uma sinfonia de graça e com demasiada facilidade a podia imaginar sentada em cima dele, enquanto lhe mostrava um prazer sexual que tinha quase a certeza nenhum homem alguma vez lhe dera.

As suas virilhas apertaram-se ao ponto de doerem. Nem sequer se conseguia lembrar quando fora a última vez que sentira tamanho desejo por uma mulher. E foi preciso reunir toda a sua força de vontade para não a beijar. Para não enterrar os lábios contra o pescoço dela e inalar a sua doçura quente enquanto ele...

Kyrian fechou a mão sobre o ombro dela quando compreendeu que tudo o que tinha de fazer era descer a mão uns sete centímetros e poderia tocar o seu seio.

Apenas sete *miseros* centímetros...

De repente o som de um *walkie-talkie* quebrou o silêncio.

— É um trabalhador da construção civil — sussurrou ela, dirigindo-se para uma janela.

Kyrian sibilou quando ela o puxou para a luz do Sol e com um movimento brusco puxou-a de novo para a escuridão.

— Desculpa — sussurrou ela. Depois esgueirou-se para mais perto da janela, assegurando-se de que o mantinha longe do Sol.

— Ei! — chamou Amanda quando viu o homem, a poucos metros de distância, a vasculhar em redor de um velho tractor.

O trabalhador da construção civil olhou para ela duas vezes. Franzindo a testa, aproximou-se da janela e olhou para o interior. Os olhos estreitaram-se sobre eles.

— O que é que estão a fazer aí dentro? Esta zona é vedada ao público.

— É uma história muito comprida. Por acaso não tem um telefone que me possa emprestar, não?

Mantendo a testa franzida, entregou-lhe o telemóvel, através da janela aberta.

Hunter tirou-lho de imediato das mãos.

— Ei! — gritou ela, tentando recuperá-lo.

Afastando-o do seu alcance, Kyrian ignorou-a, enquanto marcava o número.

— Onde estamos? — perguntou Hunter ao trabalhador da construção civil, enquanto encostava o telefone ao ouvido.

— Na velha Olson Plant.

— Em Slidell?

Amanda arqueou uma sobrancelha perante o facto de o Predador da Noite reconhecer o local. Ela vivera em Nova Orleães toda a sua vida e não fazia ideia de que existisse tal sítio.

— Sim — disse o trabalhador.

Hunter acenou.

— Ei — disse para o telefone —, sou eu. Estou na Olson Plant, em Slidell. Sabes onde fica?

Fez uma pausa enquanto ouvia quem quer que estivesse do outro lado.

Amanda observou-o atentamente. Espantava-a que ele fosse capaz de falar sem mostrar as suas presas, mas ele disfarçava-as bem.

E, agora que pensava nisso, como podia um vampiro ser tão bronzeado e quente? Como podia ter pulso e batimento cardíaco?

Não era suposto os vampiros serem mortos-vivos, frios e pálidos?

— Sim — disse Hunter. — Preciso de uma boleia daqui para fora, de preferência antes que o Sol suba muito mais.

O Predador da Noite desligou o telefone e atirou-o pela janela, para o trabalhador da construção civil.

— Ei! — gritou Amanda, metendo o braço pela janela para reclamar o telefone. — Eu preciso disso!

— A quem é que vais telefonar? — perguntou Hunter, ameaçadoramente.

— Não te diz respeito!

Hunter tirou-lhe o telefone da mão.

— Enquanto estivermos presos um ao outro, diz-me respeito, sim.

Ela semicerrou os olhos, enquanto agarrava o telefone.

— Mete-te comigo, pá, e eu dou mais dois passos para a direita.

O seu olhar fixo e quente fê-la arrepiar-se.

— Não te atrevas a ligar à tua irmã.

A expressão encolerizada do rosto dele fez com que ela repensasse a ideia de abusar da sorte. Voltou a entregar o telefone ao trabalhador.

— Obrigada — disse.

O trabalhador da construção civil prendeu o telemóvel ao cinto e lançou-lhes um olhar de censura.

— Sabem, têm de sair daqui. Este ed...

O Predador da Noite levantou a mão e os olhos do homem ficaram inexpressivos, vazios.

— Não está ninguém neste edifício. Vai fazer o que precisas de fazer.

O homem afastou-se sem mais uma palavra.

Controlo mental? Amanda olhou para Hunter boquiaberta.

Claro que ele possuía o dom do controlo mental. Era um vampiro.

— É melhor que não uses isso em mim — disse Amanda.

— Não te preocupes. És demasiado teimosa para que funcione.

— Ótimo.

— Não do meu ponto de vista.

Embora as palavras fossem cortantes, havia uma luz divertida no fundo dos seus olhos que mostrava que não estava tão irritado como queria fazer parecer.

Ela olhou-o de lado. Kyrian estava encostado, despreocupadamente, contra um poste, de olhos fechados e, no entanto, ela tinha a distinta sensação de que continuava alerta em relação a tudo o que os rodeava, tanto no interior como no exterior do edifício.

— Porque é que te tornaste um vampiro? — perguntou ela, antes de considerar se o devia fazer. — Alguém te transformou contra a tua vontade?

Ele abriu os olhos e levantou uma sobrancelha perante tal questão.

— Ninguém se torna um Predador da Noite se não estiver disposto a isso.

— E tu estavas disposto a... — A voz dela arrastou-se enquanto esperava ansiosamente pela sua explicação.

— A sacrificar uma humanazinha barulhenta, se ela não parar de me atazanar.

Ela devia ter medo dele e, no entanto, não deixava de ouvir no interior da sua mente a voz de Desiderius, a dizer que Hunter nunca seria capaz de magoar um humano.

Seria verdade?

Percorreu com o olhar o seu corpo formidável, desejando sabê-lo com toda a certeza.

Ficaram sem falar durante um bom bocado, até que Amanda não mais foi capaz de o suportar.

— Então — disse ela, tentando quebrar o silêncio desconfortável. — Durante quanto tempo achas que teremos de esperar?

— Não sei.

— A quem telefonaste? — tentou de novo.

— A ninguém.

Amanda inspirou fundo e lutou contra o impulso de o estrangular.

— Não gostas de responder a perguntas, pois não?

— Honestamente? Não gosto de falar, de todo. Preferia ficar aqui em silêncio.

— E matutar?

— Sim.

Soprou, para afastar o cabelo do rosto.

— Bem, acontece que eu estou aborrecida e se tenho de ficar aqui à espera da tua boleia, gostaria de fazer qualquer coisa para passar o tempo.

O olhar dele desceu sobre os lábios dela, depois deslizou lentamente pelos seus seios e ancas. Hunter escondera os olhos, mas ainda assim ela

conseguiu ver a fome crua nas suas escuras profundezas. Sentiu-a, quente e exigente.

— Consigo pensar numa forma de passar o tempo...

Ela abriu os olhos.

— Não estás a pensar em morder-me, pois não?

Ele sorriu, maldoso.

— Não quero morder-te, *agapeemenee*. Quero mordiscar cada centímetro da tua pele nua, em especial os teus sei...

Ela levantou o braço e parou as suas palavras colocando a mão sobre os lábios dele. A sua suavidade, por contraste aos pêlos do rosto, atordoou-a. E a sensação da sua pele sob os dedos encheu-a de electricidade. Engolindo em seco, deixou cair a mão.

— Não pensei que os vampiros pudessem ter relações.

Ele levantou uma sobrancelha, desafiando-a.

— Porque é que não fazemos uma pequena experiência e já vemos?

Amanda sabia que se devia sentir ofendida. Devia estar zangada. Devia estar tudo menos excitada com aquelas palavras. Mas, ao percorrer com o olhar aquele corpo esguio e perfeito, a ideia revelava-se, na verdade, apelativa.

Kyrian sentiu a sua confusão. Ela estava realmente a considerar a proposta. Não fosse o fogo nas suas virilhas tão feroz e teria rido. Mas era; de tal forma que não tinha a certeza se estava a brincar com ela ou se a proposta era verdadeira.

Tudo o que sabia era que a imagem daqueles lábios entreabertos o tentava mais do que qualquer outra coisa o tentara antes.

Não que devesse ficar surpreendido com a forma como o seu corpo respondia ao dela. Ela era o tipo de mulher que sempre o atraía. Inteligente. Corajosa.

E simplesmente encantadora.

Olhou de relance para trás dela e imaginou como seria encostá-la contra a parede enquanto a possuía com força, depressa e furiosamente.

Podia jurar que já se sentia dentro dela. Podia ouvi-la gemer ao seu ouvido enquanto ele...

Kyrian abanou a cabeça para afastar a imagem. Havia alturas em que odiava as suas capacidades psíquicas. Aquele era um desses momentos.

Lambendo os lábios secos, recordou-se de um tempo em que não teria hesitado em levar uma mulher como aquela para a sua cama. Um tempo em que teria arrancado aquelas roupas conservadoras e seguras do seu corpo e beijado cada centímetro da sua carne nua até que ela estivesse louca de desejo desenfreado, em que a teria tocado até a trazer ao limite, uma e outra vez, enquanto ela se agarrava a ele e implorava por mais.

Kyrian cerrou os dentes perante o calor que fazia ferver o seu sangue. Como gostaria de poder reviver esses dias.

Mas isso fora há muito tempo. E por muito que a desejasse, ela não lhe pertencia.

Nunca conheceria o corpo dela.

Nunca *a* conheceria. Ponto final. Fora por isso que não lhe perguntara o nome, nem lhe dissera o seu. Não tinha qualquer intenção de o usar. Ela não passava de mais uma pessoa sem nome que ele jurara proteger. Não tencionava chegar mais perto do que isso.

Ele era um Predador da Noite e ela uma humana não iniciada. Os dois não se deviam misturar.

Kyrian olhou para cima ao ouvir o som ténue de uma sirene que se aproximava. Em silêncio, agradeceu o *timing* de Tate.

Amanda olhou pela janela ao ouvir a ambulância. Estranhamente, parou em frente da fábrica.

Depois de uma breve pausa, as duas portas da frente da fábrica abriram-se e a ambulância entrou.

— A tua boleia? — perguntou ela.

O Predador da Noite acenou.

Assim que a ambulância penetrou o suficiente na fábrica para não ser tocada pela luz do Sol, um alto afro-americano saiu e aproximou-se deles. Assobiou baixo ao vislumbrar o rosto de Hunter, queimado pelo Sol.

— Meu, estás péssimo! Devo perguntar o que se passa com as algemas?

Hunter guiou-a na direcção do condutor.

— Não, a menos que queiras morrer.

— Está bem — disse o condutor, de bom humor. — Sou capaz de compreender uma indirecta, mas levanta-se o seguinte problema. Não vais passar propriamente despercebido num saco para cadáveres com isso. As pessoas vão, sem dúvida, reparar.

— Já pensei nisso — disse Hunter. — Se alguém perguntar, diz que morri de ataque cardíaco durante uma escapadela sexual com ela.

Um arrepio sombrio percorreu a espinha de Amanda, quando se recordou das palavras de Selenia na noite anterior.

— Desculpa?!

Hunter lançou-lhe um olhar divertido que a deixou saber que estava a apreciar bastante o seu tormento.

— E que ela não consegue encontrar a chave.

Tate riu.

— Não me parece — disse Amanda, veementemente.

Hunter dirigiu-lhe aquele sorriso diabólico que a deixava a ferver e o olhar que lhe lançou fê-la tremer.

— Vê o lado positivo; os homens farão fila para sair contigo.
— Não tens piada.
Hunter encolheu os ombros.
— É a única forma de sair daqui.
— Talvez para ti — disse ela. — Eu posso sair daqui sozinha e sacudir-te como se fosses pó.
Ele levantou uma sobrancelha desafiante.
— Experimenta.
Ela fê-lo e depressa percebeu que os vampiros altos e perigosos não se mexiam a menos que quisessem.
— Está bem — disse Amanda, esfregando o pulso no local onde as algemas o mordiam. — Vamos entrar para a ambulância, então.
Hunter seguiu na frente.
Quando chegaram às traseiras da ambulância, Hunter levantou-a com tamanha calma que a sobressaltou. Ela afastou-se para a esquerda, tentando dar-lhe espaço, mas ele era tão alto que tinha de se dobrar. Num único movimento fluído, deitou-se sobre a maca, no interior do preto saco para cadáveres que ali se encontrava.
Sem uma palavra, Tate fechou-o.
— Vocês os dois fazem isto muitas vezes? — perguntou ela.
Tate sorriu, de forma amigável e relaxada.
— De vez em quando.
Amanda franziu o sobrolho enquanto Tate ajustava o saco para que a mão dela ficasse do lado de fora e a de Hunter do lado de dentro. Parecia-lhe estranho que Tate estivesse de tal forma disposto a ajudar um vampiro.
— Como é que vocês os dois se conheceram? — perguntou a Tate.
Eu estava a alimentar-me de um corpo quando ele me encontrou — disse Hunter do interior do saco.
Tate riu-se enquanto se endireitava.
— Certa noite, estava eu de serviço, quando fui recolher um corpo que não estava morto. Se não fosse Hunter, seria eu nesse saco.
— Cala-te, Tate — gritou Hunter —, e conduz.
— Estou a ir — disse Tate como se não se sentisse ofendido pelo tom de superioridade com que Hunter o tratava.
— Sabes — disse Amanda a Hunter, enquanto Tate ia para a frente e punha a ambulância a trabalhar. — Podias tentar ser um pouco mais simpático com as pessoas. Em especial quando te estão a ajudar.
Mesmo através do plástico, conseguiu ouvir o seu suspiro irritado.
— Esse conselho não se devia aplicar também a ti?
Amanda abriu a boca para responder, depois fechou-a. Ele tinha razão. Tinha sido bastante antipática com ele desde que tudo aquilo começara.

— Suponho que tenhas razão. Talvez nós os dois devêssemos tentar aproveitar a situação.

Se ele respondeu, ela não ouviu, porque a sirene começou de novo a tocar. Tate levou-os até ao hospital num tempo recorde mas a viagem estava longe de ter sido suave.

Quando chegaram, por fim, Amanda sentia-se como se tivesse sido atirada de um lado para o outro como as peúgas no secador da roupa.

Tate parou nas traseiras do hospital, sob um toldo que impedia que a luz do Sol lhes tocasse. Com um aviso para que permanecesse em silêncio, retirou cuidadosamente a maca, da parte de trás, de forma a não lhe magoar o braço, ao descer da ambulância.

Uma vez dentro do hospital, Amanda segurou o casaco junto ao corpo para esconder as manchas de sangue na camisola.

Hunter permanecia totalmente imóvel e silencioso, enquanto Tate puxava a maca ao longo dos corredores cheios de gente. Amanda caminhava ao seu lado, queria encolher-se e morrer tendo em conta o quão óbvias eram as algemas.

Tinham de brilhar com tamanha intensidade, sob as luzes florescentes? Desiderius não podia ter arranjado umas algemas da polícia, simpáticas e pequenas?

Não! Tinham de ter doze centímetros de espessura, com uns desenhos gregos na superfície, e uma corrente com uns bons dez centímetros de comprimento. Qualquer pessoa que as visse pensaria, sem dúvida, que vinham de um dos estranhos catálogos eróticos de Tabitha.

O horror de tudo aquilo! Amanda nunca tinha estado no interior de uma *Frederick's of Hollywood*. Agora que pensava nisso, tinha corado intensamente nas poucas vezes que entrara na *Victoria's Secret*.

E todos aqueles por quem passavam se voltavam para olhar para eles de boca aberta.

— Há pelo menos seis meses que não via *aquilo* — disse um auxiliar, quando passaram pelo guiché da recepção.

— Ouvi falar disso — respondeu outro auxiliar. — Pergunto-me que idade teria o pobre tipo.

— Nã' sei, mas pelo aspecto dela, metam-me na fila.

As gargalhadas fizeram com que o seu rosto fervesse. Tendo em conta os olhares interessados que os homens estavam a lançar ao seu corpo, podia concluir que as palavras de Hunter sobre os encontros que ela poderia vir a ter não estavam muito longe da verdade.

— Ei, Tate! — disse um jovem médico, quando se aproximaram dos elevadores. — Devo perguntar?

Tate abanou a cabeça.

— Já sabes que todas as esquisitices passam por mim.

O médico riu, enquanto Amanda tapava o rosto com a mão.

Assim que as portas do elevador se fecharam atrás deles, Amanda sussurrou baixinho.

— Hunter, juro que te vou matar por isto.

— Querida — disse uma voluntária idosa ao lado dela. — Parece-me que já o fizeste. — Deu uma leve palmada no braço de Amanda. — Aconteceu-me a mesma coisa com o meu Harvey. Coitado. Sinto tanta falta dele.

Tate engoliu o riso.

Amanda gemeu e rezou para que aquela provação chegasse ao fim.

Assim que chegaram à morgue, Tate levou-os para um laboratório metálico e mal iluminado, cuja porta trancou. Hunter abriu o saco pelo lado de dentro.

— Obrigado — disse a Tate, enquanto se sentava e saía do saco que dobrou e colocou sobre a mesa.

Tate abriu uma gaveta de um pequeno armário junto à porta.

— Sem problemas. Agora, tira o casaco e a camisa, e deixa-me ver o que te aconteceu.

— Há-de sarar.

Tate cerrou o maxilar numa expressão teimosa.

— E as infecções?

Kyrian riu.

— Os imortais não morrem de infecções. Sou absolutamente incapaz de transportar *qualquer* doença.

— Podes não morrer dela, mas isso não significa que não doa e que não sare mais depressa se for tratada. — Lançou um olhar a Kyrian que dizia que não seria demovido. — Não vou aceitar um não como resposta. Deixa-me tratar essa ferida.

Kyrian abriu a boca para continuar a discutir, mas se sabia alguma coisa sobre Tate era que o homem era teimoso. Optando por não perder mais tempo, Kyrian obedeceu sem se lembrar que não poderia tirar o casaco e a camisa por completo, devido às algemas.

Suspirou em desespero e deixou as roupas penduradas no antebraço, depois voltou a subir para a maca e inclinou-se para trás, sobre os cotovelos, à espera de Tate.

Enquanto via Tate reunir o material necessário, ouviu o coração de Amanda a bater e a sua respiração a acelerar. Sentiu o seu profundo interesse, enquanto ela o percorria com o olhar. Ela desejava-o e esse desejo escaldante deixava-o louco.

Kyrian mudou de posição e desejou que as calças fossem uns dois

números acima, já que a ganga preta começava a morder, furiosamente, contra a sua erecção.

Maldição, tinha-se esquecido como podia ser, literal e figurativamente, doloroso para o seu corpo, ter uma mulher atraente por perto.

E ela *era* atraente. Com um rosto encantador e élfico, e aqueles olhos grandes e azuis...

Ele sempre adorara olhos azuis.

Mesmo sem a olhar, sabia que ela estava a lamber os lábios carnudos e cheios, e ficou com a garganta seca ao imaginar o seu gosto. A sensação da respiração dela contra o seu rosto, da língua dela contra a sua, enquanto a beijava.

Pelos deuses, e pensava ele que os romanos o tinham torturado! Os seus melhores interrogadores não passavam de amadores quando comparados com a agonia física e mental que a proximidade dela lhe causava.

Ainda mais perturbador do que o seu aspecto físico era o facto de ter sido tão compreensiva. A maior parte das mulheres estaria a gritar de terror ou a chorar.

Ou as duas coisas.

Mas ela enfrentara toda aquela provação com uma coragem e uma força de coração que já não via há muito!

Gostava realmente dela e era isso o que mais o surpreendia.

Amanda saltou quando o olhar de Hunter se cruzou com o seu. Os olhos escuros e profundos cravaram-se nos seus e deixaram-na quente e sem fôlego.

Ele estava deitado na maca, com uma perna esticada e a outra pendurada na beira. A ganga negra abraçava o seu corpo poderoso.

E aqueles braços musculosos...

Seco e definido, todo ele era beleza masculina. Os seus bíceps estavam flectidos porque estava encostado para trás, apoiado nos cotovelos. Queria estender a mão e tocar-lhe com tamanho ardor que lhe doía. Sem dúvida que ele se revelaria duro como pedra e acetinado sob a sua mão.

Os ombros eram incrivelmente largos, com músculos esculpidos que prometiam força, velocidade e agilidade. Os peitorais e os braços eram igualmente torneados e rijos.

E o estômago, oh céus! Aqueles abdominais lisos tinham sido feitos para serem mordiscados.

Desinibido, o seu olhar seguiu o rasto de pêlos cor de café, que começavam no umbigo e desapareciam sob a ganga justa. Pelo tamanho do alto nas calças de ganga era fácil perceber que ele era bem dotado e estava mais do que ligeiramente interessado em si.

Esse pensamento deixou-a ainda mais quente.

O bronzeado, profundo e dourado, da sua pele desafiava aquilo que sabia que ele era. Como podia um vampiro ter uma pele tão bronzeada e convidativa?

Mas ainda mais fascinante do que os músculos secos que imploravam por carícias era a variedade de cicatrizes que cruzavam a sua carne. Parecia ter sido arranhado por um tigre gigantesco ou agredido quase até à morte com um chicote.

Ou ambos.

Hunter deitou-se, quando Tate se aproximou, e Amanda viu um pequeno símbolo de um duplo arco e flecha *gravado* no ombro esquerdo. Encolheu-se ao pensar o quanto tal coisa deveria ter doído e perguntou-se se ele teria concordado ou se seria algo que lhe tinha sido feito contra a sua vontade.

— Tendo em conta as cicatrizes, deduzo que os teus amigos vampiros não gostam muito de ti — disse ela.

— Achas? — retorquiu ele.

— Ele é sempre assim tão sarcástico? — perguntou a Tate.

— Na verdade, parecia-me que ele estava a ser bastante simpático contigo. — Tate limpou a ferida de mau aspecto com álcool. Preparava-se para ministrar a Hunter uma anestesia local.

Hunter segurou-lhe na mão antes que Tate o pudesse injectar.

— Não te dês ao trabalho.

— Porquê? — questionou Tate franzindo o sobrolho.

— Sou imune.

O queixo de Amanda caiu.

Tate limitou-se a pegar nas suturas.

— Não podes fazer isso — disse ela, interrompendo-o. — Ele vai sentir tudo.

— Ele precisa que lhe feche aquela ferida — insistiu Tate. — Jesus, conseguem-se ver os ossos através dela!

— Continua — disse Hunter com uma calma que a espantou.

Atordoada, encolheu-se enquanto Tate dava o primeiro ponto.

Hunter manteve o maxilar cerrado e não disse nada.

Amanda observou Tate e Hunter. O coração dela ficou apertado ao pensar na dor que Hunter devia estar a sentir.

— Isso não dói? — perguntou-lhe.

— Não — disse Hunter por entre os dentes cerrados.

Mas Amanda percebia, pela forma como as veias sobressaíam do pescoço e mantinha os pulsos fechados, que ele estava a mentir.

— Toma — disse ela, segurando a mão dele nas suas. — Agarra-te com força.

Kyrian sobressaltou-se com a suavidade da mão dela na sua. Não se conseguia recordar da última vez que alguém o tocara daquela forma. Era um Predador da Noite há tanto tempo que praticamente se esquecera do que era a simples doçura.

Tate agia por gratidão e sentido de obrigação.

Mas ela...

Não havia qualquer razão para lhe segurar a mão. Ela mal lhe dirigira uma palavra civilizada e, no entanto, ajudava-o quando mais ninguém o faria. Isso fazia com que tivesse por ela estranhos sentimentos. Com que se sentisse protector. Com que sentisse ternura.

Mais do que isso, aquele simples toque queimara-o até ao coração enjaulado. Engoliu em seco, depois ficou rígido. Não podia deixar que se aproximasse de si. Ela era uma criatura de luz e ele uma criatura das trevas.

Os dois não eram compatíveis.

— Então, há quanto tempo és vampiro? — perguntou ela.

— Já te disse — respondeu ele, o maxilar cerrado com força —, não sou um vampiro. Sou um Predador da Noite.

— Qual é a diferença?

Kyrian lançou-lhe um olhar sério.

— A diferença é que eu, normalmente, não mato seres humanos, mas se não parares com o interrogatório, sou capaz de abrir uma excepção.

— És uma Criatura da Noite deveras rabugenta.

— Também te amo.

Amanda largou-lhe a mão.

— Oh, já chega! — disse ela. — Só estava a tentar confortar-te. Deus nos livre, que possas permitir que alguém seja simpático contigo!

Irritada, cruzou o seu olhar com o de um Tate surpreendido.

— Não podes serrar o braço dele, já que aqui estamos, e libertar-me?

Tate resfolegou.

— Podia fazer isso, mas ele precisa mais dele do que tu. Mais depressa cortava o teu do que o dele.

— Oh, excelente! E tu és o quê? O Igor dele?

— Filme errado — corrigiu Tate. — O Igor era laçao do Frankenstein. Estás a pensar no Renfield e não, não sou o Renfield. O meu nome é Tate Bennett. Médico legista.

— A parte do médico legista já tinha adivinhado. Torna-se bastante óbvio, tendo em conta que estamos num laboratório frio cheio de pessoas *mortas*.

Tate arqueou uma sobrancelha.

— E dizes que *ele* é sarcástico!

Hunter encolheu-se quando ele puxou com demasiada força a sutura.

— Desculpa — disse Amanda. — Não o volto a distrair.

— Agradecia.

Quando Tate terminou, Hunter voltou a vestir a camisa e o casaco. Deslizou da maca apenas com um ligeiro silvo a indicar que o seu flanco estava dorido.

O *bip* de Tate disparou.

— Volto dentro de poucos minutos. Precisam de alguma coisa, pequenos?

— Estou óptimo — disse Hunter. — Mas ela é capaz de precisar de um pequeno-almoço e de um telefone.

Amanda arqueou uma sobrancelha, perante aquelas palavras. Porque é que ele a deixava usar o telefone, agora?

Tate arrumou rapidamente o material.

— O telefone está na parede do fundo, basta marcar nove para apañar a linha exterior. Vou buscar qualquer coisa à cafetaria, volto assim que puder. Fiquem aqui e mantenham a porta fechada.

Assim que ficaram sozinhos, Hunter deslocou-se para que ela se pudesse sentar num pequeno banquinho perto do telefone.

Piscando os olhos, Hunter passou a mão sobre eles, como se fossem sensíveis à luz fluorescente.

— Precisamos de fazer planos — disse calmamente. — Por acaso não conheces ninguém na cidade capaz de partir algemas feitas por um deus grego?

Começando a habituar-se ao seu sarcasmo, Amanda sorriu.

— Na verdade, acho que conheço.

O rosto dele iluminou-se de imediato. Meu Deus, o homem era lindo quando não estava a ralar e a ladrar.

— Uma das tuas irmãs?

— Um dos amigos delas.

Ele acenou.

— Temos de tratar disso, de preferência antes do pôr-do-sol mas, pelo menos, não muito depois disso. Também tens de ligar à Tabitha e pedir-lhe que se mantenha escondida durante alguns dias.

— Sabes, só para que fique registado, odeio que me dêem ordens. Mas! — continuou Amanda antes que ele pudesse ripostar. — Compreendo que tudo isto é demasiada areia para a minha camioneta. Não fazes ideia de como detesto toda esta porcaria sobrenatural. Por isso estou disposta a ouvir-te, mas é melhor que me comeces a tratar como uma pessoa e não uma boneca insuflável desmiolada.

Ela tirou o anel dele do bolso e devolveu-lho.

— E mais uma coisa, preciso mesmo de ir à casa de banho.

Hunter soltou uma gargalhada.

— Não tem graça — explodiu Amanda, enquanto ele colocava o anel no dedo. — Fazes ideia de como podemos fazer isto sem que eu morra de vergonha?

— Mais do que isso, fazes ideia de como fazer isso sem que eu seja preso por entrar na casa de banho das mulheres?

Ela lançou-lhe um olhar cortante.

— Se pensas que vou à casa de banho dos homens, esquece.

— Então espero que te consigas aguentar.

— Não vou à casa de banho dos homens!

Cinco minutos depois, ela estava na casa de banho dos homens, a amaldiçoar Hunter baixinho.

— Tu divertes-te mesmo a ser um brutamontes, não é?

— É para isso que vivo — disse ele com uma voz aborrecida, mantendo-se de pé, de costas para ela. Tinha o braço dobrado atrás das costas, para dar a Amanda mais margem de manobra com as algemas.

Amanda olhou para ele. A bexiga parecia prestes a explodir, mas estava a ter alguma dificuldade em fazê-lo com ele ensanduichado entre ela e a porta do cubículo.

E tudo porque Tabitha era incapaz de se lembrar de deixar sair a porcaria do cão! Se conseguisse sair daquela embrulhada, ia matar a irmã. Mortinha! Desmembrada!

— Porque é que estás a demorar tanto tempo? — perguntou Kyrian num tom impaciente.

— Não consigo fazer contigo aí.

— Não te queres despachar?

— Tu espera! Mais cedo ou mais tarde há-de chegar a tua vez e eu vou gostar de te ver contorcer.

Ele ficou ainda mais rígido depois daquelas palavras.

— Querida, nunca me conseguirás fazer contorcer.

A frieza na sua voz assustou Amanda.

Foram precisos alguns minutos mas, por fim, conseguiu terminar. Tinha o rosto mais quente do que uma tarde de Verão no equador. Lavou as mãos, tentando sempre não olhar para Hunter.

— Tens papel higiénico agarrado ao sapato — disse ele, olhando de relance para baixo, para o pé dela.

— Oh, claro — disse ela. — Tudo para tornar este momento ainda mais embaraçoso para mim. Não podias ser ainda mais íntimo?

Um brilho diabólico invadiu-lhe os olhos. Depois o seu olhar escuro e penetrante desceu até aos lábios dela. Amanda podia jurar que sentia a sua fome, que sentia o seu desejo de lhe tocar.

Antes que percebesse o que se passava, ele levou a mão livre ao seu rosto, tocou com o polegar no seu lábio inferior e baixou a cabeça para apalpar os seus lábios nos dele.

Atordoada, Amanda não conseguia pensar, nem se conseguia mexer, enquanto aqueles lábios quentes abriam os seus.

O cheiro do cabedal e o sabor a vampiro invadiram-lhe os sentidos. Nunca na sua vida tinha sentido nada como a boca dele na sua. O beijo dele era feroz e quente, ele puxava-a para os seus braços e violava a sua boca como um saqueador.

Todas as hormonas do seu corpo de incendiaram. Gemeu baixinho, com a garganta. Oh céus! Aquele homem sabia beijar! E a sensação daquele corpo duro contra o seu era tão incrível que se agarrou aos ombros dele, desejando desesperadamente prová-lo ainda mais.

A língua dele dançou com a sua, enquanto os músculos torneados se agitavam debaixo das suas mãos e quando tocou, acidentalmente, com a língua numa das presas, foi atravessada por um inesperado arrepio de prazer.

Pela primeira vez desde que soubera quem ele era, a ideia de que lhe pudesse morder o pescoço pareceu apelativa.

Mas não tanto como a de o deitar no chão duro e frio, e fazer dele o que quisesse até estarem ambos quentes, suados e exaustos.

Kyrian retesou-se perante o primeiro pedaço de paraíso que lhe fora permitido provar em mais de dois mil anos. De imediato ficou consciente das curvas suaves e femininas de encontro ao seu corpo duro. Consciente do seu cheiro a flores e sol, duas coisas que lhe tinham sido roubadas séculos antes.

Havia magia no beijo dela. Uma paixão crua e intocada. Ela podia já ter sido beijada, mas sabia que homem algum a fizera sentir assim.

O seu corpo ardia; percorreu as costas dela com a mão, puxando-a mais para si. Desejava-a como já não desejava uma mulher desde os seus tempos de homem mortal. Ansiava por tocar todo o seu corpo, por passar as presas gentilmente pelo seu pescoço, pelos seus seios.

Senti-la contorcer-se nos seus braços...

Fechando os olhos, inspirou o perfume doce e feminino, enquanto o corpo pulsava e doía com uma necessidade primitiva.

Amanda susteve a respiração quando a mão dele deslizou pelo lado do seu peito, até à cintura e, depois às nádegas. Nunca fora o tipo de mulher que deixava um homem tocar-lhe daquela forma mas havia algo no Predador da Noite a que não conseguia resistir.

Quando ele a empurrou entusiasticamente contra a parede e a prendeu, achou que ia derreter, literalmente.

Com o peito encostado ao dela, deixando-a ainda mais consciente dos seus músculos secos e duros, afastou-lhe as pernas com a anca poderosa e ergueu-a de modo a ficar alinhada com o centro do seu próprio corpo, de uma forma que fez com que ela palpitasse ainda mais. Amanda silvou de prazer, com o intensificar daquele beijo fogo.

Envolveu com o braço livre o pescoço dele, puxando-o para mais perto, enquanto sentia a cabeça andar à roda.

Como seria fazer amor com um predador assim, indomado? Percorrer com as mãos todos aqueles músculos secos e torneados, que se agitavam a cada movimento seu?

Ele largou-lhe os lábios e queimou-lhe um caminho da boca à orelha. Amanda sentiu o leve toque das presas no seu pescoço.

Todo o seu corpo tremeu em resposta e os seios incharam, ansiando por serem acariciados. E durante todo aquele tempo, a coxa dele movia-se entre as pernas dela, fazendo com que ardesse ainda mais. Os joelhos fraquejaram-lhe e ela enterrou-se ainda mais no corpo dele.

De repente, ouviram bater à porta.

— Ei, vocês os dois — disse Tate, abrindo-a ligeiramente. — Vem lá alguém.

O Predador da Noite afastou-se, rosnando. Foi então que ela percebeu o que tinha feito.

— Oh, Deus! — suspirou. — Acabei de beijar um vampiro!

— Pelos deuses, acabei de beijar um humano!

Amanda semicerrou os olhos e fitou-o:

— Estás a gozar comigo?

— Pessoal! — chamou Tate outra vez.

Hunter pegou no braço dela e guiou-a até à porta. O empregado da limpeza olhou-os de forma estranha mas não disse uma palavra, ao entrar na casa de banho atrás dele.

Tate guiou-os até ao seu pequeno gabinete no exterior da morgue.

Encostada à parede oposta estava uma velha secretária de madeira, com duas cadeiras à sua frente. À direita encontrava-se um sofá, sobre ele um cobertor cuidadosamente dobrado e uma almofada, e à esquerda um arquivador metálico. Tate indicou-lhe o telefone sobre a secretária e deixou-os.

Tentando ao máximo esquecer o que tinha acabado de acontecer na casa de banho e o prazer que lhe dava ter Hunter nos seus braços, Amanda ligou para Tabitha, enquanto Hunter se mantinha de pé, ao seu lado.

Claro que Tabitha começou de imediato a resmungar por ela não ter deixado sair o cão.

— Está bem — disse Amanda irritada. — Lamento que o *Terminator* se tenha vingado no teu cobertor novo.

— Claro que estás — disse Tabitha. — Afinal o que é que te aconteceu a noite passada?

— O quê? As tuas capacidades psíquicas estão-te a falhar? Fui emboscada, na tua casa, por um dos teus amigos vampiros.

— O quê? — guinchou Tabitha. — Estás bem?

Amanda olhou para Hunter, sem saber ao certo como responder. Fisicamente, estava ótima, mas ele fizera-lhe qualquer coisa estranha que não conseguia sequer começar a definir.

— Sobrevivi. Mas estão à tua procura, por isso precisas de te esconder num local seguro durante alguns dias.

— Não me parece.

Hunter arrancou-lhe o telefone das mãos.

— Ouve o que te digo, rapariguinha. Eu tenho a tua irmã comigo e se não saíres de casa e desapareceres durante os próximos três dias, vou-me assegurar de que a tua irmã deseje que me tivesses ouvido.

— Tocas-lhe e eu enfio-te uma estaca.

Ele riu, amargamente.

— Tarde demais. Agora sai de casa e deixa-me tratar disto.

— E a Amanda?

— Ficarás segura desde que faças o que te digo.

Devolveu o telefone a Amanda.

— Tabby — disse Amanda, timidamente.

— O que é que ele te fez? — perguntou Tabitha.

— Nada — disse ela, sentindo o rosto a ficar vermelho com a recordação do beijo que tinham trocado. Nada, para além de a deixar incrivelmente excitada.

— Está bem, ouve — disse Tabitha. — Vou ter com o Eric e vamos reunir o grupo, depois saímos à tua procura.

— Não! — disse Amanda, ao ver uma expressão sombria e furiosa descer sobre o rosto de Hunter. O seu coração parou e compreendeu que ele podia ouvir o que se passava do outro lado da linha.

«Consegues ouvi-la?» disse apenas com os lábios.

Ele acenou.

Um arrepio atravessou-a.

— Ouve, Tabby, eu estou segura. Limita-te a fazer o que ele quer. Está bem?

— Não sei.

— Por favor, confia em mim.

— Em ti, confio. Nele? Diabos, nem sequer sei quem ele é!

— Eu sei — disse Amanda. — Vai para casa da mãe, eu mantenho-me em contacto. Está bem?

— Está bem — resmungou Tabitha —, mas se eu não tiver notícias tuas até às oito da noite, vou à caça!

— Está bem, falamos mais tarde. Amo-te.

— Eu também.

Amanda desligou o telefone.

— Ouviste aquilo tudo?

Hunter inclinou-se sobre ela, o corpo tão próximo que conseguia ouvir o bater do seu coração. O seu olhar penetrou no dela.

— Todos os meus sentidos estão *altamente* desenvolvidos.

O seu olhar desceu, com tamanha intensidade, sobre os seios de Amanda, que os mamilos ficaram duros.

— Consigo ouvir o teu coração a bater mais forte, o sangue a correr através das veias, enquanto pensas se seria ou não capaz de te magoar.

Aquele homem era verdadeiramente assustador.

— E serias? — sussurrou ela.

O olhar dele fixou-se no dela.

— O que é que achas?

Ela olhou-o, tentando compreender qual o seu estado de espírito e os seus sentimentos, mas o homem parecia uma parede de tijolo.

— Honestamente, não sei.

— És mais esperta do que eu pensava — disse ele, dando um passo para trás.

Amanda não sabia o que responder. Por isso ligou para o trabalho e disse que estava doente.

Hunter voltou a esfregar os olhos.

— As luzes incomodam-te — perguntou ela.

Ele baixou as mãos.

— Sim.

Amanda lembrou-se do que ele dissera sobre os seus sentidos.

Antes que pudesse perguntar qualquer outra coisa, ele pegou no telefone e marcou um número.

— *Hola, Rosa. Cómo está?*

Espanhol? pensou, surpresa. Ele falava um espanhol impecável?

Ainda mais intrigante era o som incrivelmente sensual que as palavras adquiriam com aquela estranha pronúncia.

— *Sí, bien. Necesito hablar con Nick, por favor.*

Hunter prendeu o telefone entre a bochecha e o ombro, enquanto massajava o pulso, no local onde as algemas estavam a deixar uma marca vermelha. Ela perguntou-se se ele tinha consciência da intensidade feroz que tomava conta dos seus olhos, de cada vez que as via.

— Ei, Nick — disse ele, passado um minuto. — Preciso que vás bus-

car um carro à esquina da Iberville com a Clay e o tragas a St. Claude. Podes deixar no parque dos médicos.

Largou as algemas e voltou a segurar no telefone com a mão.

— Sim, eu sei que sou um patrão idiota, mas não te podes queixar do pagamento e das regalias. Sai às três e, depois de teres deixado o carro, podes ir para casa cedo.

Fez uma pausa e ouviu durante alguns segundos.

— Além disso, retira a mala de salvaguarda do armário... Sim, *essa*. Preciso que a tragas, bem como as chaves extra para o Hospital e deixes tudo ao cuidado do Doutor Tate Bennett.

Ele ficou tenso, como se Nick tivesse dito qualquer coisa que o irritasse.

— Sim, podes tirar o dia de amanhã de folga, mas leva o *bip* e o telefone contigo para o caso de eu precisar de alguma coisa.

Hunter rosnou.

— Rapaz, não me obrigues a mudar de tom. Esqueces-te que sei onde dormes. — Embora as palavras fossem duras, havia uma nota subtil de humor na sua voz. — Está bem, mas não voltes a queimar as mudanças. Vemo-nos mais tarde.

Amanda arqueou uma sobrancelha, quando ele desligou o telefone.

— Quem é o Nick?

— O meu moço de recados.

Ela olhou para ele de boca aberta.

— Meu Deus, será possível teres realmente respondido a uma pergunta? Caramba, é melhor chamarmos o Tate antes que caias morto, ou morto-vivo, ou o que raio acontece aos vampiros.

— Ah, ah! — disse ele com um sorriso.

Olá, este vampiro é muito sexy quando sorri...

— O Nick sabe o que és? — perguntou ela.

— Só aqueles que precisam de saber, sabem o que sou.

Ela pensou por um minuto.

— Nesse caso, suponho que seja uma privilegiada.

— «Amaldiçoada» talvez fosse mais apropriado.

— Não — disse ela, enquanto pensava melhor na questão. — Quando não estás a ser sarcástico, assustador ou mandão, até não és uma má companhia. — Endiabradamente, acrescentou — Claro que só estive contigo cerca de dois minutos sem que fosses qualquer uma dessas três coisas, por isso quem sou eu para julgar?

O rosto dele suavizou-se.

— Não sei quanto a ti, mas eu tenho de dormir. A noite foi longa e estou exausto.

Ela também estava cansada. Mas ao percorrer com o olhar o sofá de napa, compreendeu que não cabiam lá os dois.

Hunter sorriu-lhe.

— Fica com o sofá, eu durmo no chão.

— Podes fazer isso?

— Já dormi em locais piores.

— Sim, mas não precisas de um caixão?

Ele olhou para ela, divertido, mas não disse nada enquanto a guiava até ao sofá.

Mal se deitou, Amanda compreendeu que aquilo não ia resultar.

— Isto não é nada confortável. Não consigo dormir com o braço pendurado e tenho o dobro do tamanho do sofá.

— O que é que sugeres?

Ela agarrou no cobertor e na almofada e deitou-se no chão ao lado dele.

Kyrian estremeceu quando ela se deitou, tão perto dele que conseguia sentir o calor do seu corpo. Pior, a única forma de dormir confortavelmente era envolvê-la com o braço.

Como se fossem amantes.

O pensamento rasgou-o por dentro, atingindo-lhe o coração tão profundamente que, por um minuto, não foi capaz de respirar, recordando a última vez que cometera o erro de estar com uma mulher e baixar a guarda.

Desgovernada, a imagem de sangue e a memória da dor atroz e interminável atravessaram-no com tal ferocidade que o fizeram tremer.

Isso era o passado, disse a si mesmo. Águas passadas. Ainda assim, havia coisas impossíveis de esquecer. E nem mesmo um homem com enormes poderes psíquicos era capaz de as enterrar.

Não penses nisso.

Aquela não era altura para reminiscências. Tinha de ser prático.

Desiderius iria atrás dele nessa mesma noite e, se queria salvá-la e à irmã, teria de estar desperto e alerta.

Fechando os olhos, obrigou-se a relaxar.

Até que ela se mexeu e as nádegas dela colidiram com as suas virilhas.

Kyrian cerrou os dentes. Ardia, ao inalar o seu doce perfume a rosas. Já se passara tanto tempo desde a última vez que possuía uma mulher. Tanto tempo desde que se atrevera a fechar os olhos com uma mulher ao seu lado.

A necessidade é lixada. Mas ele aprendera a sua lição da forma mais dura, ao combater os romanos.

Engolindo em seco, obrigou-se a não pensar em nada. Não havia

nada no passado que valesse a pena recordar. Nada, para além de uma dor tão profunda que, mesmo passados dois mil anos, continuava a ser capaz de o deixar de joelhos.

Concentra-te, disse a si mesmo, recorrendo ao seu sólido treino militar. *Agora está na hora de descansar.*

Amanda ficou tensa, quando ele se mexeu e se encostou às suas costas. E quando a envolveu com o braço, o coração dela saltou.

Toda aquela força seca e dura fazia pressão contra as suas costas de uma forma deveras desconcertante.

Olhou para a mão dele, à frente do seu rosto. Tinha dedos longos e graciosos, que pareciam ter pertencido a um artista ou a um músico. Pela deusa, como era difícil recordar que aquele homem não era mesmo um homem.

Estás deitada com um vampiro!

Não, é um Predador da Noite. Não que compreendesse realmente a diferença; por enquanto.

Mas iria compreender. De uma forma ou de outra.

Amanda esteve deitada durante horas, a ouvir a respiração de Hunter. Sabia exactamente quando é que ele tinha, por fim, adormecido, porque o braço relaxou sobre ela e a respiração contra o seu pescoço se tornou constante.

No exterior do gabinete de Tate, podia ouvir as pessoas que iam e vinham, o sistema de chamada do hospital a convocar médicos diferentes e a dar instruções diferentes.

Pouco depois do meio-dia, Tate trouxe-lhe o almoço mas ela não o deixou acordar Hunter. Comeu metade da sua sandes e permaneceu deitada, perguntando-se durante todo aquele tempo, como era possível sentir-se tão estranhamente segura com um vampiro que mal conhecia.

Virou-se ligeiramente para olhar para ele. Era mesmo apetecível. O cabelo caíra-lhe sobre os olhos enquanto dormia e a sua expressão relaxada tinha um certo charme juvenil.

Ao olhar para os lábios perfeitos recordou-se do seu sabor. A sensação crua e poderosa deles no seu pescoço.

A reminiscência daquele beijo fez os seus lábios arderem, o seu corpo tremer.

Já tinha sido beijada mais vezes do que era capaz de contar, mas nunca nenhum homem a fizera sentir assim. O toque da boca dele na sua fizera-a pegar fogo.

Como é que ele o conseguira? O que é que Hunter tinha que a levava a ansiar possuí-lo, contra a sua própria vontade?

Seria parte dos seus poderes imortais?

Ela não era uma ninfomaníaca. Tinha um impulso sexual normal e saudável, nem demasiado fraco nem demasiado forte. No entanto, de cada vez que o olhava desejava tocar a sua pele, os seus lábios, o seu cabelo.

O que é que se passava com ela?

Tira isso da cabeça. Fechando os olhos, começou a contar para trás, a partir de cem.

Quando chegou a menos sessenta, compreendeu que não valia a pena.

Suspirando, estendeu a mão, sem pensar, e começou a brincar com o anel que ele tinha no dedo. Antes que se apercebesse, tomara a mão dele na sua.

Hunter murmurou por entre o sono, aninhando-se ainda mais contra ela. Os olhos de Amanda abriram-se quando sentiu a respiração quente contra o rosto e a pressão da sua erecção contra a anca. Ele segurou-lhe a mão com mais força, um instante antes de a tomar nos seus braços e envolver o seu corpo com o dele, de forma protectora.

Sussurrou qualquer coisa numa língua estrangeira, depois sossegou uma vez mais, continuando a dormir profundamente.

O coração de Amanda bateu com mais força. Nunca ninguém a segurara assim. De forma tão possessiva. De forma tão completa. Sentia-se dentro de um casulo gerado pela sua força. O mais estranho era o facto de, no fundo, gostar daquela sensação muito mais do que queria admitir.

Aninhada nos braços dele, conseguiu por fim adormecer.

AMANDA acordou com uma coxa dura entre as pernas e uma mão quente debaixo da camisola, tocando-lhe a pele da barriga. O braço de Hunter segurava-a tão perto que mal conseguia respirar.

— Tive saudades tuas — sussurrou ele, ternamente, um instante antes de deixar a mão deslizar para debaixo do seu *soutien* e envolver o seu seio.

Amanda arfou de prazer, enquanto os dedos quentes lhe percorriam a pele em círculos lentos e escaldantes. Aquele toque fê-la ferver de desejo e precisou de toda a sua força para não voltar a cabeça e o beijar.

— Theone — sussurrou ele, carinhosamente.

— Ei! — gritou ela. Ofendeu-a até ao mais profundo da sua alma, que ele se atrevesse a chamá-la pelo nome de outra. Se a ia apalpar, ao menos que se lembrasse de quem estava a apalpar. — O que é que estás a fazer?

Kyrian ficou tenso, ao acordar por completo e abrir os olhos. A primeira coisa que sentiu foi o seio quente e macio que enchia a palma da sua mão. A segunda foi a dor latejante no seu corpo, que exigia ser libertada.

Oh, merda! Afastou a mão num gesto rápido como se se tivesse queimado.

Que diabos estava a fazer?!

A sua função era protegê-la, *não* tocá-la. Especialmente quando se sentia assim tão bem com ela nos seus braços. Da última vez que ele cometera tal erro com uma mulher, custara-lhe a própria alma.

Amanda viu a confusão no rosto dele quando se afastou dela e se sentou.

— Quem é Theone? — perguntou ela.

O ódio encheu-lhe os olhos.

— Ninguém.

Está bem, ele não gostava de Theone quando estava consciente, mas por um minuto...

Ele ergueu-se lentamente e ajudou-a a levantar.

— Dormi mais do que queria. O Sol já se está a pôr.

— Tens alguma bizarra ligação psíquica com o Sol?

— Tendo em conta que vivo e morro quando ele se põe e levanta, sim. — Puxou-a na direcção da porta. — Agora, disseste que conhecias alguém que podíamos consultar para ver se nos libertávamos...

— Sim, devem estar em casa. Queres que telefone para ter a certeza?

— Sim.

Amanda dirigiu-se à secretária, pegou no telefone e ligou para Grace Alexander.

— Ei, Gracie — disse ela, mal Gracie atendeu. — É a Amanda. Estava-me a perguntar se vocês iam estar em casa esta noite? Tenho um pequeno favor a pedir-te.

— Claro. Os meus sogros vieram visitar-nos, mas assim até mantêm os pequenos ocupados. Queres dizer-me...

— Não pelo telefone. Estaremos aí assim que possível.

— *Estaremos?*

— Levo um amigo a reboque, se não te importares.

— Não, de maneira nenhuma.

— Obrigada. Vemo-nos daqui a pouco. — Amanda desligou o telefone. — Pronto — disse a Hunter. — Ela vive em St. Charles. Sabes o caminho?

Antes que ele pudesse responder, Tate entrou, trazendo na mão uma pasta preta.

— Olá — disse a Hunter —, calculei que estivesses a acordar por esta altura. Um tipo chamado Nick veio aqui há algumas horas e deixou isto para ti.

— Obrigado — disse Hunter, agarrando na pasta. Pousou-a sobre a secretária e abriu-a.

Os olhos de Amanda abriram-se ao ver duas pequenas pistolas, um revólver, um coldre, um telemóvel, três facas de aspecto assustador e uns óculos escuros, pequenos e redondos.

— Tate — disse Hunter com um toque de amizade na voz de que ela não o julgava capaz —, grande homem!

— Só espero que o Nick não se tenha esquecido de nada.

— Népia, 'tá tudo.

Amanda arqueou uma sobrancelha, perante a estranheza de ouvir o calão moderno vindo de um homem com um sotaque tão pesado e sedutor.

Tate acenou-lhes, depois saiu.

Ela observou enquanto Hunter prendia o coldre à cintura e puxava uma bala para a câmara de cada uma das armas. Depois viu-o activar a patilha de segurança, rodar as armas e colocá-las no coldre, de forma a ficarem escondidas pelo casaco.

De seguida, pegou numa *butterfly* e guardou-a no bolso de trás das calças. As outras duas facas foram para os bolsos do casaco e o telemóvel, bem como o PDA, foram presos ao cinto.

Amanda arqueou uma sobrancelha perante tais armas.

— Pensei que só uma estaca de madeira através do coração matava um vampiro.

— Uma estaca de madeira através do coração é capaz de matar praticamente tudo e, se não o fizer, corre pela tua vida — disse Hunter, suavemente. — Mais uma vez, minha jovem, vêes demasiada televisão. Não tens vida própria?

— Sim. Ao contrário de ti, tenho uma vida abençoadamente monótona, em que ninguém me tenta matar. E sabes que mais? Gosto e quero, realmente, voltar para ela.

Os olhos dele brilharam de divertimento.

— Está bem, então vamos procurar o teu amigo, para que nos possa separar e tu possas voltar para a tua vida aborrecida e eu para a minha vida perigosa.

Percorrendo-a com um olhar quente e cheio de desejo, passou a língua pelas presas. Depois colocou no rosto os óculos de sol.

O pulso de Amanda acelerou. Com aqueles óculos escuros ficava, ainda mais do que antes, com o aspecto de um poeta sentimental. Precisou de toda a sua força de vontade para não voltar para os seus braços e lhe exigir que a beijasse mais uma vez.

Ele meteu a mão dela no bolso do casaco, juntamente com a sua, para esconder as algemas; depois guiou-a para o exterior do gabinete de Tate e através do corredor do hospital.

Enquanto andava, Amanda reparou no seu passo suave, de predador.

No seu ar de refinamento. Aquele homem tinha uma graciosidade pura e fluida. E a pose arrogante que assumia chamava a atenção de todas as mulheres por quem passavam.

No entanto, enquanto se dirigiam para a saída, Hunter parecia não se aperceber de nada.

Quando chegaram ao parque de estacionamento Amanda deu um longo assobio ao ver o *Lamborghini* Diablo parado num dos lugares reservados a empregados. A luz sobre ele reflectia-se na sedosa pintura preta, criando o efeito de um halo. Normalmente, não se preocupava com carros mas os *Lamborghini* sempre tinham sido uma excepção.

Devia pertencer a um cirurgião.

Ou assim pensou, até Hunter se aproximar dele.

— O que estás a fazer? — perguntou ela.

— Estou a entrar no meu carro.

Ela ficou de queixo caído.

— És dono disto?

— Não — disse ele, com sarcasmo. — Estou a roubá-lo com a chave que tenho na mão.

— Meu Deus! — arquejou ela —, deves estar carregado!

Ele puxou os óculos de sol sobre a cana do nariz, para lhe dirigir um olhar atrevido.

— É impressionante as poupanças que se conseguem acumular ao longo de dois mil anos.

Amanda piscou os olhos, enquanto registava aquelas palavras. Poderia ele ter realmente...

— Essa é *mesmo* a tua idade? — perguntou céptica.

Ele acenou.

— Dois mil cento e oitenta e dois, feitos em Julho, para ser mais exacto.

Ela mordeu o lábio inferior enquanto percorria aquele corpo fantástico com o olhar.

— Estás com bom aspecto para um velho. Pessoalmente não te dava mais de trezentos anos.

Rindo, Hunter introduziu a chave na fechadura.

Enquanto esperava que ele abrisse a porta, o lado malandro de Amanda não conseguiu resistir a meter-se com ele.

— Sabes, dizem que os homens que conduzem carros como este estão a compensar os seus pequenos... — deixou o olhar descer propositadamente ao longo da frente do seu corpo, parando no alto sob as calças — ... aparelhos.

Ele arqueou uma sobrancelha; depois, enquanto abria a porta, dirigiu-lhe um sorriso de esguelha, simultaneamente brincalhão, quente e malandro.

Antes que se apercebesse do que ele ia fazer, Hunter deu um passo em frente, subjugando-a com o seu cheiro masculino e o seu poder; depois pegou na mão que estava algemada à dele e colocou-a sobre as virilhas inchadas.

Não. Não precisava de compensar nada.

Ele baixou a cabeça para lhe sussurrar ao ouvido.

— Se precisares que te convença melhor...

A respiração dela falhou perante a extraordinária sensação de o ter na sua mão. *Não* era uma peúga, o que ele trazia dentro das calças.

Ele olhou fixamente para os lábios dela e levou a mão livre ao seu rosto. Nesse mesmo instante, Amanda soube que ele a ia beijar de novo.

Sim, por favor!

— Truz, truz — disse Desiderius, no meio da escuridão.